MANOEL AMBROSIO

Do Inst. Histórico e Geográfico Mineiro

OS LÁRAS

NOVELA REGIONAL

1938—Tip. da LUZ—Januária

Do mesmo autor:

Publicadas

HERCILIA — Romance regional inspirado em tema sentimental, contendo episódios da vida sertaneja, estilo de puro folk-lore, (Edição exgotada.)

....

BRASIL INTERIOR — Coletânea de contos sertanejos — Preço do volume — 5$000

....

PARANAPETINGA—Poema inspirado no vasto cenário da região sanfranciscana. (Edição exgotada.)

....

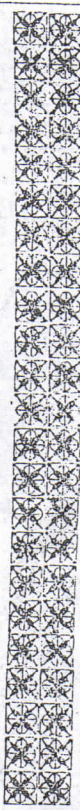
OS LÁRAS—Novela regional—Preço do volume—3$000

MANOEL AMBROSIO

Do Inst. Histórico e Geográfico Mineiro

OS LÁRAS

NOVELA REGIONAL

1938—Tip. da LUZ—Januária

INTRODUÇÃO

Meu Paranapetinga !* Quão silenciosas e desertas estas tuas margens! Agua, muita agua, ilhas, corôas e a floresta virgem! Immensamente largos e formosos, lado a lado, aprumados barrancos baixam descendo em graciosas curvaturas para o norte, ora desnudos em rampas escalavradas, ora revestidos de uma cerulea roupagem deslumbrante de verde, brilhando aos sóes de tantos seculos de abandono.

Tudo calmo, monotono, asselvajado por dezenas de leguas, deshabitadas e nostalgicas, á espera de um raio de intelligencia nesse repositorio de mysteriosos thesouros.

Que de propheticas visões de risonhas villas e florescentes cidades, absorvidas pela poeira semi-barbara das modernas heras palavrosas e sem acção! Outro, bem outro o sangue que se diffunde nos organismos! Terras do oeste, terras centraes, infindos panoramas desconhecidos, escondem estes teus céus, estas selvas, estas recortadas e fluctuantes cordilheiras na im-

* Nome primitivo do Rio de São Francisco. — Paranã — rio quais mar; — pé — caminho; — tinga — branco.

* * *

E porque, Paranapetinga? Assim como nas azas das tormentas, das ventanias, mansas ou precipites, vão arrebatadas as sementeiras que fecundam os valles, assim as existencias presentes ou passadas, grandes ou comesinhas, rollam na mesma poeira, e as pegadas dos teus maiores indubitavelmente se debucham como um canto eterno na vibração de uma folha, na derradeira nota de um expirar de dia. Quantas auroras que se foram, quantos luares que não voltarão mais nunca, quantas edades transfiguradas nestas mansões sussurrantes de saudades e harmonia!

Mais de dois seculos que nestas paragens estacionaram ricos e pobres proprietarios, attrahidos pela uberdade privilegiada da terra rio-pardence, apontada no sertão como um dos optimos pontos do interior para lavoura. Possuir um palmo dessas terras, era o mesmo que ter a juros um bom capital. E o interesse geral, com efeito, levantára uma intensa lavoura, a par de numeroso gado vaccum e outras raças, mormente durante as descobertas do ouro, e muito ainda depois das guerras dos Emboabas.

Até hoje conservam ellas o antigo credito. E porque esse abandono? Objectar-se-ha, talvez a do valle, causa unica; mas, investigando-se bem, algumas circunstancias apparecem no andar dos tempos, tantos e taes, que, qual um funesto sopro, supplantam, esphacellam os mais esperançosos fructos. Quasi devemos apontar á lentidão esmagadora da civilisação, adoentando o espirito submerso na ignorancia, enervando na apathia, no anniquilamento, emfim, surdo, mudo e cego, sem mais exigir nem esperar. Mas, nem por isso, meu Paranapetinga, os que bebem das tuas aguas, deixam de sentir menos em suas frontes essa aureola celestial da intelligencia, esse dom do alto, repartido com a pobre humanidade; dahi, a revelação pairando acima da sabedoria e da prudencia, illuminando a humildade creadora. De vez por quando e sem se esperar, um raio de verdade se interpõe entre os céus e a terra, e qual a fonte, salta da branca natureza; do tronco secco da floresta, da rude pedra da montanha exhalla peregrina flor do mais delicioso perfume.

Phantasias fecundas, alentadas com o amor da vida e o espirito de sacrificio, mantem a caracteristica das almas julgadas semi-barbaras. Tal o teu povo. E porque relembrar essas veredas que conduzem ao azedume tanto nariz torcido? Nessas noites bellas e divinas, quando a luz da lua lava terra e céus, emquanto resonas, beijando as fimbrias refulgentes das corôas, aos cacarejos das gaivotas e ás scintilações dos astros — accesos cyrios — no largo espelho das aguas socegadas, tu que passas por estas terras virgens e vaes deixando uma saudade infinita, escuta e leva no teu dorso de gigante, qual loura espuma, esta gotta de aljofar aqui deixada por estas praias silenciosas.

* * *

E' uma lenda bravia de velhos caçadores e vazanteiros, de sempre, escorraçados de brenhas e carreiros, de palustres e matagaes; sylvestres lendas, oriundas desses additos venerandos de um passado, tradusindo em rumores singulares, pendentes como oraculos de frontaes verdejantes, convulsionando a eterna solidão do rio e da florestas.

— Alma do outro mundo! — dirá o leitor.

Que sejam do outro mundo, porque se foram deste, muito importa.

Os pescadores, entrando a barra do Pardo, em demanda de suas lobregas ribanceiras de movediças e trahiçoeiras areias, não tentam jamais avançar, assim avistem nos escalavrados barrancos o—Porto dos Pedrosas!— E repentinamente esconjurando a maldita margem, esgueiram-se para a opposta, persignando-se de assombro, parando os remos, assim divulguem com arripio que vão entrar nas esperas da floresta escura, passando pelas Tapéras dos Láras. Ha nomes que ficam, outros que desapparecem, outros que se eternisam celebrisados na memoria posthuma, quaes as do Rio Pardo e seus affluentes. Numerosos sitios, por muito tempo conservaram nesses rincões o baptismo que receberam; e depois substituidos ou esquecidos completamente.

Raros os que se vêm e guardam, por uma fatalidade, forçada lembrança daquelles que os formaram.

Os Láras

I

Terminada a lucta entre Paulistas e Emboabas, em 1710, os aventureiros e chefes dessa guerra, por uma acommodação de Antonio de Albuquerque, governador das capitanias de S. Paulo e Rio, abalaram-se para outros rumos do paiz, estabelecendo-se uns em logares já organisados em arraiaes, continuando outros em suas aventuras de mineiros, á cata de ouro pelos araxás do interior. Annos antes, em 1672, descobriram-se as riquissimas lavras do Ferreira e Santa Luzia de Goyaz, levando Anhanguera, filho, para S. Paulo, cerca de oito mil quilates do mais fino ouro. Tanto bastou para que voassem a essas paragens centraes levas e levas desses aventureiros, internando-se em busca dessas minas. Qual acontecera com as de Caetés, em Minas,—1691—1693—arrastando os povos do littoral atlantico, tambem essas e assim varias outras dessas descobertas canalisavam muita gente para aquelles lados. Depois da guerra dos Emboabas e queda de Caetés, mudára-se a antiga estrada que, da Bahia (capital da metropole) vinha sahir em Mathias Cardoso (Morrinhos) norteando-se por Grão Mogol; dalli para S. Romão, rumo directo para Goyaz.

São Romão, antigo presidio, fôra fundado pelo Paulista Januario Cardoso, seus sobrinhos, os Toledos, o portuguez Manoel Pyres Maciel Parente e outros aos 23 de Outubro de 1668. Por sua importancia commercial e topographica no São Francisco, rapido desenvolvera-se, tornando-se um excellente ponto para o fisco colonial de todo o ouro que por alli transitasse, incluindo-se o de Paracatú, cujas minas haviam sido descobertas por José Rodrigues Flores em 1744. Erigido em Julgado em 1719—1720, quasi um seculo continuára desassombrada aquella povoação a que os naturaes denominavam—Villa Risonha de Santo Antonio da Manga de São Romão.

A' exhuberancia do ouro, veiu juntar-se a do diamante pela primeira vez descoberto no Tijuco (Diamantina). Portugal, o venturoso, nadava em mares de rosas, aguçando mais e mais sua cobiça e tyrannia, opprimindo os brasileiros, sempre vigilante; sordido e odiento em seus systemas irreductiveis de conquista.

Infelizes os povos que lhe cahissem sob as quinas. O progresso portuguez tinha as patas do kagado e o andar da lesma com o seu capote, participando o Brasil desse andar medido, pezado e vagaroso do velho enfermo Portugal. Brasil, rapaz muscular e caboclo desconfiado, jamais estivera pelos autos. CURAREARA tambem de atalaia suas flexas, emquanto se preparavam para o assalto, manejando o segredo de outras armas. E' verdade que morreu caboclo como os diabos! De cedo, revoluções abafadas e mil taes artimanhas para subtrahir-se ao jugo e de que Maranhão e Palmares haviam dado exemplo. Por sua vez em 1736, coube ao Rio de S. Francisco com o velho arraial do Brejo do Salgado à frente, dar o seu grito de independencia, grito suffocado pelo governo da capitania e por elle cognominado de "MOTINS DO SERTÃO", para fingir da pouca importancia o perigo que poderia alastrar-se inteiramente pela capitania. A sedição popular dessa epocha havia chegado até ás portas de S. Romão, por dois annos seguidos, e no ultimo alli trahido, sendo as victimas arrastadas ás prisões de Estado, na Ilha das Cobras, recompensados devidamente denunciantes e trahidores. Assim requeriam aquelles tempos que se foram degenerando, ou por outra, transformando accentuadamente até 1792 com o supplicio de Tiradentes e seus companheiros. Mas as revoluções dão sempre signaes certissimos de decadencia dos governos. Portugal, agonisante, não queria morrer só. Matava! Ora, sangue nunca deu sinão fructos de vida. Passamos ao seguinte capitulo.

II

Para os fins do XVIII seculo, numerosas eram as entradas para Goyaz e descobertas do Paracatú, designado S. Romão para um dos portos da capitania. Grandes carregamentos de cereaes, mercadorias e boiadas por alli transitavam, indo e vindo pela estrada do ouro. As arcas da pagadoria se empanturravam de riquezas: muito ouro em pepitas, lavrados, em pó, com a circulação de bastante prata ou patacões do reino na absorpção do quinto, numa exigencia insupportavel! Bons e altos negocios realisavam-se nessa feira constante, numa abundancia jamais vista. O povo ribeirinho andava farto, alegre e feliz.

O commercio em grosso e a retalho florescia. Tropas e mais tropas se abasteciam naquelle porto, indo e vindo do interior numa febril agitação. Tudo vigilante. O collector Pedrosa, portuguez, andava numa canceira; exhaustivo o trabalho na repartição, onde os contribuintes affluiam quasi que diariamente ás dezenas e a um só tempo exigindo despachos. O pessoal pouco numeroso; e vexatorio esse despacho, obrigado á longas demoras pelo extraordinario movimento. Qual se vê, uma plectora de dinheiro, de muito dinheiro. O São Romão daquelles tempos, decerto, não é e nem será o mesmo de hoje. O antigo, de ha muito foi levado pelas enchentes do Rio.

No alinhamento das ruinas ainda existentes da primitiva igreja, existira outrora um grande sobrado, cujos alicerces se encontram á flôr da terra. Era alli a collectoria e ao mesmo tempo residencia do respectivo empregado com a familia, composta de dois rapazes e uma menina de seus desesseis annos. Uma pequena força de dois dragões e quatro bate-páus assalariados, guardava a repartição e fazia o policiamento da villa. O edificio espaçoso e alto se

dividia em andar terreo e superior. No superior estava a familia, emquanto a collectoria, o archivo e dependencias, occupavam o terreo. Amplas portas e janellas de soleiras arqueadas, sem assoalho nem forro. Confortavel a sala dos trabalhos. Todos os compartimentos communicavam-se entre si, de maneira a serem pecorridos sem difficuldade. Juntos trabalhavam no gabinete o collector e escrivão, vendo se a um dos angulos um grande armario atulhado de empoeirados autos e correspondencia e contiguo á sala, um espaçoso quarto, contendo uma pilha de pequenos surrões de sola, enthesourando o ouro, a prata e moedas de cobre, o—xenxem— á espera de meios de conducção para Villa Rica. A metropole portugueza andava ávida e todos sabiam de suas exigencias; remessas e mais remessas! Bem mais de 600 arrobas de ouro extorquidas pelo quinto ás florescentes minas de diversas localidades da capitania de Minas. O julgado não se eximia desse dever, pagando tambem tributos. Pedrosa recebia constantes officios; mas, receioso, não ousava fazer remessas por sua conta e responsabilidade, dos dinheiros publicos. Essa resolução chegára a Villa Rica. O governador da capitania resolvera, afinal, despachar a pedido do collector, um destacamento de dragões, rumo á Villa Risonha.

E o boato começára a circular, esperando-se a cada instante os emissarios do ouro.

III

O Pedrosa andava todo agitado e nervoso, dando ordens aos escravos, aos empregados, tomando notas, despachando cobradores a intimar contribuintes retardatarios, pondo á limpo todos os papeis da repartição, afim de que o representante do governo tudo encontrasse em bôa ordem. Contava e recontava duas e tres vezes por dia os surrões de ouro, prata e cobre, e costumava dizer que aquelle trambolho sob sua responsabilidade não o deixava socegar um instante. Estava afflicto para ver bem longe de sua casa aquella carga de risco; vivia farto de trabalhos sem recompensas, e não tardaria muito deixar o cargo para quem o quizesse, e... de graça. Dizia assim, mas, os que ouviam-no murmuravam entre si:

—Qual o que? Este portuguez é muito deshumano, atrevido, teimoso, despota...

—...ladrão, trahidor, muito cheio de si e de basofia.

—Ora, está de pansa cheia; muito ouro ensurroado. Que quer mais? E concordavam em diversos:

—Vae casar a filha, dizem, com o filho de um fazendeiro tambem rico...

Ah! quiqui menéres! Agua corre é pro mar.

—E conta-se que houve uma reunião dos grandes no sobrado.

—Seria o contracto do casamento?

—Por certo! Ninguem advinha o que houve de real, mas, a reunião é um facto, e durou até muito tarde.

—Fala-se que la estiveram as principaes pessôas; digo bem, as auctoridades, o sargento-mór, o escrivão, o juiz, o Joaquim Lára, pae do noivo.

—E o Pedro Lára, o noivo?

=Esse não!

=Como?

—Não se sabe.

—Então, não será o casamento, e sim a chegada do emissario.

—Como não, se o pae foi chamado?

—Ah! neste caso, será talvez o casamento na chegada...

—E elle está deveras na villa?

—Não, que á meia noite mesmo partiu para a fazenda.

—Como assim? Sendo dia de recepção hoje, não quiz esperar?

—Ora, cada qual tem suas commodidades. O Lára, embora homem de sociedade, não gosta muito dessas cousas.

—Pois deveria gostar. Os homens fazem a villa. Se chega uma pessoa de importancia e não se lhe presta attenção, que irá dizer de nós lá fora? Que aquillo é uma negrada atôa, uma sucia de botocudos. Os que infundem respeito devem estar á frente. Um rojão atiçado na margem oposta cortára esta conversa...

=Chegou o emissario do governo! Tal o grito que de bocca em bocca rapidamente voára em toda a villa. Oito para nove da manhã. Ruas e frontaes das casas enfeitados de galhardetes; tudo apuradamente aceiado, varrido; o trajecto coberto de folhas de laranjeiras. A repartição, onde se hospedaria o emissario, convertida em palacio—gosto e arte ao alcance da localidade.

Povo alvoroçado correndo á praia, onde se encontrava um ajoujo embandeirado á espera do pessoal graúdo com suas rabonas, jaquetas e gibões de velludo com abotoaduras de ouro, calções de setim e belbutina, sapatos de entrada baixa com fivelões de ouro e prata, pedraria fina chispando nos dedos em amarellões, chapéus de tres-pancadas. Era o transporte unico de que se dispunha. Muita gente la se foi em canôas. Mas, deixemos o barco atravessando o Rio e entremos um instante no palacio do collector onde numerosos escravos e particulares davam a ultima demão, forrando paredes e aposentos, collocando jarros de flores em pequenas e grandes mezas, pregando cortinas perfumadas e estendendo no polido assoalho os vistosos tapetes. O aposento do hospede, irreprehensivelmente cuidado; espaçoso, arejado por uma janella bastante larga no pavimento superior, por onde entrava a brisa do norte, suavemente impregnada de aromas sylvestres, de mistura com outras flores e jasmineiros do quintal vasto. Via-se dalli o delicioso panorama do Rio e um excellente trecho da extensa ilha dos Guahibas, verdemente estendida no seio das aguas.

IV

Francina! Bella jovem de dezoito annos, morena, de olhos grandes, pretos, scintillantes, fronte altiva, espelho onde reflectia a ternura de um espirito intelligente, educado no trabalho domestico, attrahindo a todos por uma irresistivel sympathia, bondosa, amavel sem preferencia, especialmente para com os pobres que idolatravam-na, tão caridosa e bôa.

Sua cultura, a que no interior e naquelles tempos podia-se obter. Seu pae alli se casára em uma familia de fazendeiros ricos. Do consorcio nasceram-lhe tres filhos: Antonio, Luiz e ella que fôra a ùltima. Quatro annos que morrera sua mão, prostrada pela tuberculose.

De estatura mediana, musculosa e desembaraçada, cedo tomára o governo da casa; pois, seu pae não se casára mais; seu amor pela finada esposa, D. Feliciana, creara raizes e não desejava nem podia esquecel-a. Seus dois irmãos—homens feitos e solteirões ricos, passavam forradamente, divertindo-se ora na villa, ora em fazenda distante.

O Pedrosa, dizia-se natural da Ilha de S. Miguel; viera para o Brasil, na comitiva de um dos governadores da capitania de Minas. Que arranjára uma pequena fortuna, como garimpeiro pelos sertões e sem mais outros precendentes, esbarra-se um dia em S. Romão. E nada mais se ousava inquerir por sua posição social e outros predicados que arrolhavam a bocca a muita gente. E nem quem ousasse! Quem dava cartas no paiz era o portuguez; o PODER berrava alto, dobrava de audacia e... tudo acabado!

No S. Romão, de pedra e cal plantado, portanto, o senhor Pedrosa!

Humilhados e como que soterrados todos os povos da capitania.

Pedrosa!... Falar-se em Pedrosas... enxaguar primeiro a bocca... heim? não era brinquedo; tinha seus "quês".

Francina, que interromperamos por instantes de necessaria explicação, superintendia toda a festa da recepção. Trabalhava sem descanso; porem, constrangida, séria e pensativa. Via-se bem que seu espirito andava longe da festa, porque naquella lufa-lufa murmurava:

—E Pedrinho não vem! Até agora não chegou! Será possivel que não assista á recepção? Não vejo razões para isto.

Pai e filho, convidados com antecedencia. Verdade seja dita que o senhor Joaquim Lára aqui estivera até alta noite de antehontem, conversando com os amigos nesta casa; sobre o que—ignoro; mas, estou estranhando saber hoje que à meia noite mesmo partira para a fazenda, sem esperar o nosso hospede, elle, um dos homens de representação neste julgado! Que teria acontecido? Houve um bate-bocca na reunião. Será isso?...

E o filho? Porque até agora não apparece? Que afficção por saber!

Uma foguetança estourava para o meio das aguas.

O paquete, isto é, o ajoujo, approximava-se de volta com o emmissario.

Fazia musica além do Rio. Curiosos voavam, apinhando-se nos barrancos e porto de desembarque. Francina, despertando de seus pensamentos, correra a providenciar sobre o almoço. Um TAN-TAN-TAN ensurdecedor fervia na cosinha. Preparativos para o banquete. Tudo ia bem. Francina dera as ultimas ordens e tratara de vestir-se para a recepção do hospede que não muito tardaria.

E Pedro Lára com seu pai? Que lhes teria succedido? pensára ainda.

V

Razões de sobra para estar Francina apprehensiva.

Prestes o seu casamento com Pedro Lára, distincto rapaz de uma das illustres familias do julgado.

Nesse tempo, tão diverso e tão distante do nosso, os paes é que marchavam para pedir casamentos; os noivos livremente escolhiam em uma familia numerosa as suas esposas, ou acceitavam as que se lhes impunham por direito de edade, pelo respectivo dote, cores e condições sociaes. Uma vez combinado, nenhuma outra cousa, sinão muito séria, poderia dissolver o compromisso.

As duas familias congraçadas pelo assentimento de seus chefes respiravam auras venturosas. Francina e Lára amavam-se ternamente, desvelladamente, e os seus esponsaes approximavam-se. Encantadora a alegria de parte á parte; advinhavam-se os pensamentos. O enxoval encommendado de Villa Rica era esperado.

Os Láras, embora tendo casa de residencia em São Romão, moravam definitivamente distante em sua fazenda, dalli quasi umas 9 leguas para as bandas do Formigas—margem do Rio Pardo.

Era do bom-tom da epocha para os favoritos da fortuna, ou antes, uma imperiosa precaução muito justificada. As febres devastavam os mais robustos organismos; por isto mesmo que, temporadas se davam entre graúdos, mezes e mezes em climas mais salubres, assim Láras, Pedrosas e outros. Pedrosa adquirira de um de seus compatriotas uma fazenda de algumas leguas de terras e que se extremava com a dos Láras, ricas terras em minerios e optimas para criar, plantar e abundantes em madeiras nas mattas virgens e seculares—o Caldeirão.—Nellas se fizeram confortaveis installações o que obrigava o Pedrosa a rever mais assiduamente sua propriedade, assim permittisse

o seu emprego. Em chegando alli já se sabia: tinha que dar com o costado em casa do futuro genro, sendo recebido como membro da familia. Outras vezes, não obstante raras e a pedido ou reclamação de Francina, quando alli se achava, Joaquim Lára com a familia ia passar dias em companhia dos Pedrosas. E o consorcio approximava-se. Espalhando-se a nova do emmissario do governo, dias antes da chegada desse, recebera Joaquim Lára uma carta urgente e reservada do Pedrosa para ir até S. Romão.

Após a leitura e attendendo a extensão da viagem, não se fizera esperar, partindo para a villa, onde chegára no dia seguinte pelas oito horas de uma noite escura e invernosa. Apeiando-se no logar do costume depois de relativo descanso e trocar de roupas, dirigira-se á casa do seu amigo que o recebera de braços abertos.

—A' toque de caixa, prezado Lára! Esperava-se somente por tua pessôa. Quando chegaste?

—Não ha ainda uma hora. Recebendo tua carta, parti no dia seguinte, e aqui ás tuas ordens, meu Pedrosa!

—Não sei como agradecer-te tamanha gentileza.

—Os amigos comprehendem-se sem isto.

—Obrigado, Lára! obrigado; em todo o caso, viagem penosa e puxada.

—Nada quer dizer.

—Entre, entre, que a noite anda terrivel de frio. Parece, a chuva não cessará de todo, nem sei como resististe ao gelo.

—Viajando, não se percebe tanto.

Assim conversando, Pedrosa dirigiu-se a um armario, tirou uma garrafa de vinho e encheu dois copos.

Para matar o bicho, ambos beberam suavemente.

Reanimados um pouco, Pedrosa segredou qualquer cousa ao ouvido de Lára e descendo a escada, passaram á sala da repartição, cuja porta interior trancara immediatamente.

Alli se achava uma selecta reunião composta de pessoas graduadas da sociedade, em numero de oito. Respeitosas e affaveis todas se levantaram para cumprimentar ao amigo Lára, que com a mesma cordialidade agradecera a essa demonstração de apreço. Em torno de espaçosa mesa aquella gente palestrava, porém, tão baixinho que nenhum ruido alterava o socego daquella hora, nem denunciava, ou suspeitava siquer a presença de qualquer pessôa na repartição, allumiada por uma frouxa luz de um candieiro de latão.

Lára, ao entrar, percebera logo tratar-se de assumpto de alta relevancia, mormente vendo o seu amigo acautelar-se.

Presidia a reunião o substituto do Juiz Ordinario. Esse convidára o recem-chegado a tomar parte a seu lado.

Decorridos alguns momentos de anciedade e hesitação, levantou-se o Juiz solemnemente:

—Meus amigos—Estou incumbido de uma pesada missão, cujo segredo dependerá de todos nós e será eterno como uma pedra de sepulcro, e ai daquelle que o trahir. Qualquer suspeita, mesmo de leve, custará a vida de quem assim proceder. Seguiu-se uma ligeira pausa. O Brasil, continuou elle, está gemendo debaixo de um duro despotismo. A tyrannia arrasta os brasileiros para uma execranda escravidão: não obstante, leva a crer bem perto sua independencia e não tardará soar a hora.

Portugal nada em ouro, mas naufragar-se-ha na propria e enganadora grandeza; agonisa portanto, e morrerá. A capitania não poderá sustental-o por uma eternidade, porque as minas empobrecem, embora novas descobertas alentem esperanças e arrastem ainda muita gente para o interior. É peior e eu não creio nisto.

Uma calamidade sopra do alto, e, perigosa, a tormenta vae rebentar.

A cobra que morde lá, bate com a cauda até nós: o terremoto de Lisbôa!

Sejamos previdentes. O fisco, numa ganancia de assombro, estraga e engole a enorme capitania, e nem sabemos onde parará, a miseria. O povo exgotado. Não ha clemencia. O governo quer a todo o transe ouro. Mais de metade de Lisbôa foi-se no terremoto e Pombal tenta reconstruir a Capital. Donde sahir o dinheiro? Decididamente do Brasil. Pensemos no futuro e sejamos francos; de uma hora a outra, entrará aqui a ave de rapina das economias do povo. E, apontando para o quarto de deposito, accrescentou energico:

Este thesouro que alli está, não deverá partir daqui. Portugal não o verá jamais!

—Muito bem! Apoiado! approvam todos os presentes, á excepção de Lára que se conserva silencioso.

—Nosso amigo, o senhor collector Pedrosa, continuou o Juiz, pode-se dizer um genuino brasileiro, como quem mais o seja; com o mesmo patriotismo e abnegação, une-se comnosco num só

pensamento. Cerca de quarenta surrões, alli estão escorrendo sangue.

Deixarmos que partam para Villa Rica será uma falta imperdoavel, uma covardia. Da solidariedade da Villa Risonha de São Romão, ninguem os arrancará.

—Apoiado! muito bem! concordou o Pedrosa.

—Sejam todos conjurados! aparteou um dos presentes-o João Sabino; isto é um desaforo. Nem uma oitava de ouro ou de prata nem um vintem de cobre! Unamo-nos como bons patriotas.

Nossos planos estão delineados, e infallivelmente hão de ser executados; custe o que custar, concluiu com emphase o João Sabino, sendo applaudido.

—Abaixo a tyrannia! bradaram todos, observando-se o silencio de Lára, assombrado no meio de pessôas que se diziam qualificadas.

Estava explicado o motivo da reunião. Lára tinha forçosamente que responder e pedia a palavra.

—Meus amigos. Em primeiro logar, agradeço ao meu amigo senhor Pedrosa e depois aos demais a prova de confiança em mim depositada por este negocio de tanta responsabilidade.

Tudo o que ouvi e as resoluções decididamente tomadas, não passam ainda felizmente de um projecto...

—Projecto só? interrompeu o Juiz.

—Projecto e acção trata-se de uma realidade, acodiu o João Sabino.

... como ia dizendo... de um projecto não maduramente pensado (continuou Lára). Deus disse que nada ha no occulto que não se venha a saber. Creio que os meus amigos irão correr grandes riscos.

—Ora, por favor! Qual risco, nem Manoel risco, senhor Lára! repisou J. Sabino; nosso maior risco, bem como nosso maior crime é essa falta de coragem para agir contra os desmandos nesta infeliz Colonia!

—Muito bem, Sabino! (Apoiados geraes).

—Bravo! acodira o Pedrosa num despeito visivel. Quem não é por nós é contra nós.

—Quem não for patriota, pensará doutro modo! (falou um dos presentes). Sou brasileiro, sou aferrado a tudo quanto é meu.

É bem verdade que esse ouro não é nosso, e sendo. É do Brasil e o quanto basta.

—Senhores, (continuou Lára), sei que não sou digno de estar nesta reunião (oh! não diga isto; mais do que digno)! obrigado! Conheço-me um pouco e apezar de tudo, respeito opiniões alheias.

Não crio obstaculo a qualquer dos senhores. Guardarei para sempre um segredo sobre isto, excusando-me, porém, de tomar parte activa em vossas deliberações.

—Mas, o amigo Lára ainda não pensou, como deve, o quanto de grave, mais do que todos, cabe-me neste negocio, que eu não quiz se effectuasse sem o assentimento dos amigos.

—Sim, senhor Pedrosa. Não estou approvando nem reprovando. Respondo por mim somente. Já não disse que guardaria eterno sigillo? Façam o que entenderem. Que tenho eu com isto?

—Nossa confiança, senhor Lára, disse o Juiz, para com V. S. é e será sem limites. Ninguem o pode forçar...

—Sei disto; porém...

—Estamos mais que seguros de sua honestidade. Não é que nós não n'a tenhamos; mas certo que contamos com o seu apoio. E desde que não nos quer acompanhar...

—Nunca eu apoiaria semelhantes cousas que reputo um desacêrto, assim como não me assiste direito algum convencel-os de uma tentativa perigosa que poderá trazer-lhes maiores vexames, senhor Juiz. Conselho de prudencia! (Sussurro geral)—E' um crime.

—Um crime!? bradavam alguns.

—Crime ou não crime (aparteou Sabino) quer o senhor apoie ou não, o dinheiro não partirá para Villa Rica! (Bravos! bravos)! sussurraram todos. E um delles murmurou baixinho numa ironia:—Eh! quer passar por mais honrado do que todos!

—Então, amigo Lára, você recusa terminantemente ser nosso companheiro? disse o Pedrosa, enraivecido, tremulo na voz, meio rancoroso.

—Porque não? respondeu Lára firmemente.

Pedrosa que o fitava neste momento, estremeceu, baixando os olhos para ousar ainda:

—Mas neste caso, pode dar-nos sua palavra de honra e juramento que ninguem jamais disto o saberá!

—Não confiam em minha palavra?

Pedrosa gaguejou uma praga surdamente, e, de vizeira carrancuda, aproveitando o momento, abriu uma gaveta da mesa e apresentou ao Lára um crucifixo.

—E' uma imprudencia, porém as circunstancias assim o exigem.

Lára estendendo a mão pronunciou o juramento exigido.

Dissolvera-se a reunião ás duas horas da madrugada.

Lára, respirando o ar purissimo da noite e longe daquella casa, sentira-se bem. Cumpriu seu dever, dizia-lhe a consciencia.

Conhecedor do terreno que pisava e do perigo que poderia correr, immediatamente retirara-se para sua fazenda, a murmurar de vez em vez, a sós, pelo caminho:

—Que refinados ladrões... e quem diria!?..

A dinheirama do fisco enlouquecia aquella arrojada commandita, que, apezar de reconhecer a honradez de Lára, seu caracter, sua honestidade, deixára transparecer um visivel descontentamento, desassocego e mesmo arrependimento de havel-o convidado.

Bem não o queria o maior numero dos conjurados; mas, o teimoso do Pedrosa fôra exclusivamente o culpado, dizia-se. O desapontamento do Collector era notorio: contrariadissimo!

Um convidado passava a ser testemunha occular daquella vergonheira, tardia de mais para recuar-se.

E São Romão dormiu o seu somno, justamente de um seculo, em 1768.

VI

Inutil descreverem-se os estrondosos festejos da recepção do eminente representante do governo, o nobre alferes de dragões Sebastião Rebello de Moraes e Castro, fidalgo e particular amigo do Governador da Capitania; homenagem bem significativa do muito que devia o Julgado á munificencia real. Poderia esse acto, mais cêdo ou mais tarde, trazer vantajosas posições para uma cidade, a que assistia-lhe o direito de sua antiguidade e posição topographica á margem do Rio. Disto conversou-se muito. Durante tres dias e emquanto descansava o emissario, o povo divertia-se em folguedos, jantares, dansas, cavalhadas e jogos de argollinhas.

O Rebello, velho portuguez bonacheirão, commodista e todo confiado na sua importancia, gostava de tudo aquillo, sentira o fraco daquella gente e promettera-lhe mundos e fundos.

Sua tropa, fraternisando-se com o povo, expansiva se tornára com os apparatos da manifestação. Nada faltando aos soldados d'El-Rei, além das obrigações prescriptas em seus regulamentos.

Como o tempo não espera, deram treguas ás festas para a apresentação de todos os livros e papeis referentes a arrecadação.

Tudo bem feito, documentado, escripto, constando em deposito

Ouro . . .	9 surrões . . .	70 contos
Prata . . .	8 » . . .	40 »
Cobre . . .	23 » . . .	43 »

Com testemunhas fidedignas, abertos e despejados os surrões um a um, e apurada toda aquella fortuna sem faltar um real, tudo accusava uma correcção esmerada, e de accôrdo com a escripta geral da repartição. Grande o regosijo e o enthusiasmo do emmissario, da tropa, das testemunhas e demais convidados, pela probidade de um collector modelar por toda a capitania.

Rebello, tomando da penna, officiára ao Governador em termos elogiosos sobre a nobreza e lealdade do distincto servidor, depois de dar conta de todo o processado. Tirou-se copia daquelle documento. O emmissario fôra o primeiro a abraçar com ternura o collector e a imitação converteu-se em fervor geral. Calorosas felicitações! Pedrosa não cabia em si, de contente, dizendo que elle deveria morrer naquelle dia por ser o da maior gloria na sua vida.

=E com razão, accrescentára o Rebello; pode, sem favor, encher-se de justa alegria que não ficará sem recompensa. O senhor honra o Brasil e particularmente a Portugal.

—Viva Sua Real Magestade! gritou um dos presentes.

E um delirante viva estrondou na repartição.

=Viva o Governador da Capitania!

—Viva o nobre emmissario!—Viva o Snr. Collector!

—Viva o Brasil! terminára um daquelles patriotas.

Nesse mesmo dia recosturaram os surrões, cobertos depois por grossas capas de panno de algodão, devidamente nnmerados para o embarque no dia seguinte.

Tinha pressa o emmissario. Como complemento daquella operação, um segundo e lauto banquete, o ultimo, foi offerecido em despedida ao hospede e á tropa. Nesse, houve discursos e brindes pela prosperidade do Brasil, Portugal e confraternisação dos dois povos irmãos. E em festas passou-se o dia, entrando-se pela noite.

VII

Amanhece. Feitas as despedidas, seguiu-se o embarque dos surrões, feito por populares e escravos, acompanhados dos dragões.

O ajoujo, engrinaldado como no dia da recepção.

Nelle embarcaram os viajantes, o collector e pessôas amigas, por não mais comportar. Os barrancos apinharam-se de gente assistindo á partida. Moveu-se o ajoujo, quatro canôas atracadas, assoalhadas de taboas, amarradas por grossas embiras.

E entre despedidas, rio acima, lá se fôra para a travessia, entre acclamações de uns, inveja e cubiça de alguns, murmurios e maldições de muitos. Em breve dispersou-se a multidão. Para amenisar a viagem, um rabequista e dois tocadores de gaitas tangiam suas melodias no meio das aguas. Bebia-se tambem alguma cousa. Mez de Outubro. Uma enchente avolumava a correnteza um tanto profunda, tornando bem trabalhosa a travessia. Necessario subir muito as aguas para depois largar a margem e alcançar o porto directo da outra. Remos dobravam o ajoujo, descrevendo uma enorme curva. O Pedrosa com o Rebello, alegremente descorriam sobre a extensão panoramica da natureza virgem, cujos horisontes illuminados se mostravam além do verde escuro da floresta e á terra baixa e fugidia das margens.

—Como isto é grande e tão abandonado, hein senhor Pedrosa! dizia em extase o emissario, talvez evocando alguma saudade do seu Tejo ou do seu Mendego.

—Inda bem, meu caro Rebello, que vês com os proprios olhos e podes dar um testemunho seguro desta maravilha.

—Sim! Um paraizo desconhecido! Brasil! oh! que paiz venturoso, org....

E não acabára, que um formidavel estouro de vento ao meio do canal, repentinamente embolando as aguas, num volver e fechar de olhos, desmantelára o ajoujo, quebrando os amarros, espatifando tudo, e atirando ao fundo toda a carga, todos os tripulantes. Gritos de soccorro ouviram-se da villa e os barrancos de novo se encheram de multidão afflictissima.

Um naufragio! Viam-se distinctamente no tumulto das aguas além, rio abaixo, descendo aqui e alli os restos da fragil embarcação. Luctando com os elementos, os naufragos, uns nadavam, ouros agarravam-se ás pranchas que boiavam, outros ás canôas separadas umas das outras, emborcadas estas, cheias de agua aquellas, e algumas afundando-se para sempre.

Varios canoeiros acudiram e a tempo poderam salvar diversos dos infelizes. Quatro dragões haviam desapparecido e com elles os gaiteiros e o flautista. O collector, o emmissario, parte da força e mais outros da comitiva, recolhidos depois de algum trabalho, quasi todos bebendo bastante agua.

A' tanta festa, succediam a lucta e a desolação.

Encontraram-se no dia seguinte, leguas dalli, os cadaveres dos naufragos; deram-lhes sepulturas condignas.

Salvos do perigo e em condições de novamente agirem, o emmissario e o collector empregaram todos os meios possiveis para rehaver o thesouro tragado pela corrente. Trabalho infructifero, perdido!

Nenhum remedio para semelhante catastrophe; ninguem aventurou-se a essa desastrada empreza. Lavrou-se uma acta que foi assignada por pessôas influentes, documentando-se o acontecimento. Em jejum e muito descontrolado, volvera á Villa Rica o Rebello. E o tempo

«Que tudo gasta e consome
«Na pedra, o proprio letreiro,

a pouco e pouco riscára da lembrança popular o grande prejuizo do fisco amaldiçoado, abençoado-o os contribuintes pontuaes.

Os opprimidos e até os relapsos viam nisto um castigo do céu pelo sangue derramado de um povo, respirando seculos de tyrannias.

VIII

Cessados os rumores daquelle fatal acontecimento, um dia o Manoel Beira d'Agua, pescador astuto e corajoso, acossado de formidavel "pindahyba", tivera a originalissima idéia de ir pescar, á aventura, um daquelles surrões, sepultados nos abysmos. Engendrando os meios necessarios, esperançoso, largara-se do seu rancho de capim casca de pau-d'arco, na vasante. Tomára sua canôa, procurára bem distante, Rio acima até o grande canal, e por elle vagarosamente, descia, fingindo pescar.

Habil, qual todos os pescadores, no manejo da linha ao TERRENAR os grandes surubys, conhecedor mais do que qualquer leigo das profundidades e moradia certa dos peixes, approximara-se do local; a principio, empregára frageis linhas de pescar corvinas, matando algumas e tornando pacientemente á faina; mas, ao chegar ao ponto determinado, tomára linhas fortes, mettendo mãos á obra. Horas de tenacidade, seculos de perseverança e nada alcançára. Nem por isto desistira, repetindo por varios dias a pesca, sem cessar, pelo mesmo caminho, jogando com todos os calculos.

—Hei de vencer, hei de vencer! teimava o Beira d'Agua.

Um dia madrugára. Uma duzia de corvinas branquejava no fundo da canôa ao romper do dia. A linha dera signal. Beira d'Agua estremecera. Peixe grande ou...? Seria possivel? Experimentou. A cousa com difficuldade movera-se, mas, não peixe. Linha fraca, teria destendido. Com geito desceu uma outra, precisa, grossa, resistente. Por segurança ferrou com força e puchou. Pezo descommunal. Deslocado, porém, subia; e quando subia, um prurido de desconfiança feria tambem a imaginação atrapalhada do pescador: Não seria, porventura, alguma pedra, algum tronco de madeira, tão commum obstruindo o canal? Mil conjecturas para o misero, arrastando aquella carga, arrancando-a do ventre e das gargantas do abysmo, assaltado por extravagantes pensamentos que o puzeram em ancias: páu, pedra, ou surrão?

E... surrão de ouro, hein?... A duvida feriu-lhe n'alma e uma onda de suores ensopava-lhe as vestimentas; e embora demorasse, a cousa se approximava. De facto, quaes não foram o seu espanto, alegria e usura, ao ver ás bordas da canôa, quasi afundando-a, a suspirada realidade de seus desejos e de seus sonhos?!... Um dos surrões! Valentemente, com geito, agarrou-o e dentro da canôa cobriu o grande achado com os peixes mortos.

Estava quasi assombrado e dera para tremer. Com razão, orgulhoso respirava: um coice no capeta e... adeus! PINDAHYBAS desgraçadas! Olhou para cima, olhou para baixo, sondou margens, a grande ilha e carreiros dos barrancos. Ninguem! Testemunha nenhuma, sinão Deus! Marcando bem o logar pela direcção das arvores e hervas aquaticas, afflicto pela ventura e posse do thesouro, remára certo para um esconderijo de mangue branco no fim da ilha. Em alli chegando, segurou a canôa; e, sem descansar, não contou fiado. Foi ao surrão. Com açodamento puxou da cinta a faca amollada e rasgou-o de alto a baixo! Alastrou-se o fundo da canôa de redondissimos, authenticos e sublimes moedas de ou... our... p... pra... pedregulho!! ... O Beira d'Agua abriu desmesuradamente a bocca, arregalou bem os olhos, extatico, bestialisado! Não! não era possivel, não acreditava. Cheio de ira, desapontado, damnou-se. Xingou, vociferou pragas contra aquelle canalhismo revoltante, disse asneiras do diabo. Passada a tempestade, reflectira, porém, que aquillo nada adiantava, e que, se bem um desfarce de ladrão, nem tudo completamente corrompido. Quem saberia? Ás vezes...

Sendo sol alto, fôra descançar das fadigas e no dia seguinte operava no mesmo sitio. Outra pesca. Novo surrão. Novas esperanças e desta vez porém... Ah! infernos de pedregulhos redondos! Terceira e quarta pesca; queria desenganar a si mesmo, ter plena prova para proclamar a verdade, desmascarar o roubo.

Pescou surrões e pedregulhos... pedregulho só. Escandalo consumado!

Algum tempo depois o Beira desensoffrido viera á villa, em cuja extremidade morava um seu amigo, o Roque Coxerra, famoso selleiro do logar. Ao Coxerra, pois, historiára o Beira todo o desenlace da celebre pesca, com as provas do que dizia: um dos surrões

e dentro desse, varios pedregulhos cobertos de alguns peixes frescos.

—Seu Mané, não me conte simiante barbaridade. Quis tramoia, quis simvirgunhice! Ist'é um disparates! admirara-se o Coxerra.

—Pru que? Starei mentino? Não sou capais, não senhô. Os outro surrão de pedra stão la in casa. Posso amostrá. S'ancê stá na duvida bamos inté lá... óia...

—Não, não é isto...

—O'ia... surrão assim cumo aquelle que stóu veno aqui no canto de sua tenda: o mêmo feitio, a mêma solla e tamanho.

—Eh! apois é mêmo, isto mêmo, apois é, concordou o Coxerra, um tanto aterrado e pensativo.

—Apois antão? Inda starei mentino?

—Nunca duvidei de sua palavra.

—E intè, pode se jurá que é obra sua; ora se é!...

—Vancê a modes que duvinha? Apois eu fiz muitos surrão destes de encommenda pra seu Culletô Pedrosa pra botá dinheiro do Governo, a mandado de seu João Sabino, antes da chegada do argente. Cumo nois tudo sabe, seu Sabino è muito da casa de seu Pedrosa. Nesse momento, como que por uma fatalidade, pela porta do Coxerra passava o João Sabino que, ouvindo pronunciar o seu nome, approximara-se gracejando:

—Coxerra, que tem o João Sabino? Coxerra que estava sentado numa tripeça e não esperava semelhante contratempo, perturbou-se e respondeu atrapalhadamente:

—Nada não, patrão! Stava cunversano aqui cum meu amigo. Sabino relanceou os olhos pela saleta e tenda do selleiro num movimento de espanto.

—Ah! E's tu Beira d'Agua, como vaes?

—Cum'eu é de i? Pescadô... vancê ja sabe.

—E que trazes tu neste surrão? Vamos ver que este demonio deu pra vender, agora, peixe em surrão.

Os dois amigos fizeram uma cara de riso AMARELLO, sem darem pelo desapontamento de Sabino.

—E' peixe mêmo, patrão!

—Não estou dizendo? Deixa-me ver se são frescos e se estão bons. E Sabino para certificar-se de um pensamento malevolo, avançou para o surrão aos pés de Beira d'Agua, sentado em uma gamella emborcada. Abrindo aquelle sacco de couro ou sola, deu uma gargalhada de sarcasmo e desfarce.

—Este Beira tem das suas. Peixe com pedregulho!?... Os peixes são de primeira (examinando)... e você Coxerra, então, fallava em meu nome?

—Nhorsim! Numas encummenda que vancê sisturdia me feis e que afundou-se e agora seu Mané foi e pan! pegou uma no anzó.

—Ah! sim; encommendei e é verdade! Está bem! Até logo. Vá vender teus peixes—Beira d'Agua. Estão optimos.

E sahiu. Adeante, na rua Sabino, resmungou rancoroso. Tudo perdido se não houver uma providencia séria e urgente.

Abelhudo! Que diabos! que diabos! Emquanto isto, os dois amigos conversavam longamente sobre os acontecimentos passados e as suspeitas mais que provadas de um grande roubo.

—Não se me dá de jurá, seu Mané, que este que daqui sahiu seje um dos que ajudara neste roubo, se é que hai roubo.

—Que? Se é que hai? Vancê é pruque não besservou cumo eu arruparei: o home ficou branco que nem difunto, que nem cale na parede. Tremeu que nem pedregúio. Moleque escopeteiro.

—Agora, a questã é outra: se o Rêis vié a sabê de tudo? Cum'é? E dos sordado que morrero afogado?

—Nhor sim! nhor sim!

—Coitado dos musgo que iam tocano no ajoujo, tão innocente!—Sim senhô!... mêmo!... Oia qu'embolada!...

—Embolada?!... Embolada, é gente cantá na força bonitim. Vancê veraes! Entardecia, quando Beira d'agua, despedindo-se de Coxerra tornára a seu rancho.

IX

Esplendido luar de fins de Maio illuminava lavando a terra, e um formoso céu muito azul reflectia nas viajoras aguas do S. Francisco, em cuja superficie accendiam-se os frios fachos das estrellas numa ondulação graciosa. O casario da villa, como sepulchros caiados, branquejava derramado ao pé dos barrancos solitarios. Esses cenobitas, parados e de alva estringe pareciam contemplar extasiados os invios ermos da vastidão da noite. Suspirava a natureza.

O vento da meia noite, conversando nas velhas copas dos frondosos tamarindeiros, debuchando sombras espessas no chão, rorejando, cantava os seus segredos á claridade phantastica do luar. Cães vadios, pasmados para o astro e embriagados de sua belleza, ora ladravam, ora uivavam lugubremente erguidos nas quatro patas, mastigando raivosamente enxames de muriçocas. Ao detraz das compridas margens nas lagoas ribeirinhas, a orchestra dos batrachios e o zumbido estridente dos grillos acordavam o fragor das horas mortas.

Não obstante o silencio absoluto, para os lados do presbiterio ouvia-se distinctamente um BAN BAN BAN teimoso em uma porta, a do Senhor Cura, que apezar de um somno de pedra, respondeu por fim:

—Quem bate?

—De paz!

—De paz, quem?

—Um moribundo pede confissão a V. Revm.ª

—Espere um pouco. Irei já. Instantes depois, ao pôr os pés na rua, era o senhor Cura assaltado por trez mascarados que o vendaram com uma toalha.

—Se gritar, morre; bradou um delles. Nada queremos de V. Revma. Vai somente ouvir de confissão a um enfermo, e nada mais. Siga-nos! O padre obedecera sem hesitar, conduzido por beccos, ruas e reviravoltas, afim de que fosse desviada sua attenção.

Tomaram depois os mascarados o caminho do Rio; e embarcaram em uma canôa; essa cortára rapido aguas abaixo, impellida por dois vigorosos remadores. Nenhuma conversa ou palavra durante a viagem. Em quinze minutos desembarcaram numa bravia ribanceira, defendida por espesso matagal. Um dos mascarados, desfarçando a voz e arrancando a venda ao Senhor Cura, rencara auctoritario, apontando:

—E' alli. Debaixo daquella moita está o penitente que o procura. Enxerga bem, não?

—Estou vendo. Queira retirar-se, disse elle mansa, mas imperiosamente ao desalmado. E encaminhou-se para a moita indagando:

—E' aqui que se necessita do vigario?

—E' sim senhor! gemeu alguem na sombra. Pode chegar sem receio; sou eu Roque Coxerra!

—Coxerra! ?...

—Eu mesmo, seu vigario!

—Nada de prosas, nem de lamurias! Ande com isto, acabe o mais depressa, senhor padre, intimou á distancia a mesma voz. E se fez silencio por meia hora.

Era a confissão, interrompida, apezar de breve, por soluços e suspiros abafados, não de um moribundo, mas, de um desgraçado, de pés e mãos ligados qual a um porco e condemnado á morte. Um innocente, um martyr. Tinha familia e filhos menores. Aquella confissão apenas prolongaria mais uns instantes de vida. Grande sepultura estava ja aberta ao lado. De novo bradára a voz:

—Senhor padre, esta confissão ja está por demais; passa da marca.

—Vou ja, senhores. Esperem um pouco ainda.

Situação penosissima, angustiosa, irremediavel!

—Oh! Sarva-me seu vigario, bradava piedosamente o infeliz.

—Compadeço-me de ti, desejo de todo o meu coração, do fundo de minh'alma salvar-te; mas de que modo, eu sozinho, meu filho?!

—Vancê pedino pru mim... talvez...

—Não vês? São os poderosos da terra, e além de tudo, malvados e criminosos todos não me attenderão.

—Quem sabe? Quem ha de recusar um pedido seu?

—Senhor padre, ou acabe com isto ou então...

Um sussurro sinistro fervilhou pelos folhiços seccos.

—Alto lá! senhores! Um instante ainda!

Dava o sacerdote a absolvição final dos moribundos.

Ajoelhando-se depois num abraço terno, paternal, soluçou:

—Adeus, meu filho! adeus! Até á eternidade! E's um martyr. A vida è breve e ninguem fica. Tu ès um santo, roga por mim quando estiveres no céu. Saiba morrer com coragem. Vá em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Amen.

=Pois bem! Se vancê pudé, dê sodade a minha esposa e a meus fios. Adeus, seu Vigario! Terminada a confissão.

Sem mais tardar, os mascarados, cercando a moita, arrastam para fôra o desgraçado, e um por um enterra-lhe o seu punhal entre dolorosos gemidos. Terminado o sacrificio, novamente vendaram o padre; e, embarcando-o, tornaram á villa, deixando-o em sua residencia pelo mesmo processo do começo. Antes de se despedirem, adiantou um do assassinos:

—Obrigado, senhor padre! Mas, olhe lá! Nem a mais lêve allusão, hein? nem palavra siquer, hein? Do contrario será a mesma sorte que o espera. E... bôa noite!

—Passe bem! Os gallos cantavam pela madrugada. Uma barra verde-azul e rosea quebrava no horizonte, e não tardaria muito qus o sol illuminasse a natureza, desvendando os segredos das trevas.

Tão cedo! e para o porto principal affluira nessa hora muita gente num rumor singular:

Um individuo pendurado nos galhos de uma gamelleira á beira do Rio. Estava inteiramente esfollado—obra de perito magarefe! Ao lado do cadaver gotejante, qual uma rêz no matadouro, estendida em varas e oscillando ao vento da manhã, pendia salgada sua pelle. Reconheceu-se logo o Manoel Beira d'Agua. Impune o hediondo attentado! Um ar desolador opprimia a vida commum de recolhimento, desconfiança e panico. A athmosphera dos corações mais que sombria! A brutalidade do clamoroso crime emudecia os espiritos. De dia o espectro da villa: um cemiterio, peiorando, assim cahia a noite. Nem um transeunte! Noticias alarmantes circulavam celeres por toda a parte e seus echos chegaram até a Villa Rica,

reclamando justiça—denuncias forgicadas pelos proprios criminosos.

Energicas providencias foram tomadas, postas a premio as cabeças dos responsaveis—cabeças que nunca appareciam.

E viraram e reviraram, mecheram e remecheram, parando-se ás folhas tantas, depois de prisões illegaes, clandestinas, testemunhas adrede compradas, falsamente juradas, sem pè nem cabeça—uma patacoada. A molecagem entrujára as auctoridades superiores da capitania, acanalhanda-as quanto podia. A revelação do crime surdamente apparecia sob aspectos diversos; mas, ninguem, a excepção do senhor Cura, ousaria nem por pensamentos levantar a ponta do tenebroso véu. Os desmandos do homem contra as leis divinas affrontavam a sociedade, apontando S. Romão.

Nessa fome e sêde de justiça, quando as controvercias do terror selam os labios, a angustia commum força as portas da esperança. Em uma festa do Espirito Santo naquelle anno, festa muito fria pelos acontecimentos funestos da epocha, perorando o sermão do dia, reverberára do pulpito o parocho da freguezia:

"Hoje è dia do Espirito Santo, S. Romão! Deus te vê e falla; e tu bem sabes que não ha uma gotta de pranto derramado pela maldade e pela injustiça do mundo que não tenha um consolador. Não é, não será com qualquer razão futil e vaga que o homem, tão sujeito á morte, possa atrever-se contra a vida de seus semelhantes sob o escandalo do poderio.

Tarda o Senhor? Costuma tardar na sua infinita sabedoria e misericordia. Tarda, mas o consolador virá voando. Ai de ti, São Romão, no dia de teu ajuste de contas. Eu não verei, mas outros olhos testemunharão por mim. Os faustos da tua soberba passarão como fumo, e da poeira dos teus sonhos, nunca mais se apagará a nodoa dos teus crimes, para sempre vigiados e avivados pela maldição do céu!"

O sermão enternecera o povo.

O sermão desesperara a muitos, e um dia em desobriga, traiçoeiramente, cahira em uma emboscada o pobre do cura, sendo o seu cadaver encontrado, boiando á tona de uma lagôa que se chamou depois «Lagôa do padre». Generalisara-se a noticia de que fôra victima de roubo na estrada.

X

A commandita estava de barba no ar, triumphante, soberba, atrevida. Tudo correu bem. Como vimos, sem a menor desconfiança do agente do fisco, mesmo com as circumstancias funestas que se deram, os surrões de dinheiro foram habilmente substituidos por surrões de cascalhos redondos, colhidos alli mesmo nas terras diamantiferas da villa. Todas as attenções tinham sido distrahidas pelo apparato ruidoso da festa, muito de industria preparada. Após os successos extraordinarios da empreitada, reuniu-se a quadrilha e o cobre foi repartido com o maior gaudio entre comparsas, ficando tudo como dantes era.

Apparecendo os primeiros vislumbres do audacioso roubo, liquidaram promptamente todos os vestigios, da maneira que sabemos no capitulo anterior. E cousa singular! Perpetrados esses horrores, desataram-se os cordeis das máldades humanas: grandes crimes, grandes roubos, assassinatos e depredações, não somente na séde, como em varios pontos do não pequeno territorio.

A forca e o pelourinho funccionavam fraudulentamente.

A justiça tornara-se um escandalo. Eram soltos os criminosos que mais dessem. Nos testamentos, o pessoal do fôro era o legitimo successor nos bens; tramavam-se inventarios de pessôas vivas e sem o menor protesto (e que protestassem)!... e varias as fortunas assim liquidadas. Na intimação de inventariantes, ricos ou remediados, os avaliadores proffissionaes ou protegidos enchiam-se clandestinamente, de accordo com meirinhos, cobrando leguas, augmentando-as, duplicando-as... quadruplicando-as, num estirão como este, cuja copia da penosa quadra transmittimos ao contemporaneo leitor:

«Certifico que o meretissimo Juiz Ordinario do Julgado de Santo Antonio da Manga de São Romão, F. F., commigo escrivão deste feito e os avaliadores officiaes F. F. e F. F. partimos para a fazenda denominada—V—domicilio da inventariada dona F. F. do logar denominado—P—que dista deste Julgado legua e meia, no dia 16 de Abril proximo passadó, tendo gasto em viagem de ida e volta doze dias, isto porque da volta excedemos das leguas determinadas por lei, sendo que esse accrescimo attinge a dois dias para mais, pois com as voltas forçadas para travessas de corregos, devido ao temporal do caminho percorremos na referida viagem setenta e duas (72) leguas—O referido é verdade do que dou fé—Julgado de S. Romão, 1°. de Maio de 17... O Escrivão F. F.=Nota—1ª. J. D. C. E. 270$—2ª. D. C. E.—255$—3ª. D. C. E. 255$».

Todos os pretextos e invencionices habilitavam ou legitimavam esses vampiros do fôro a essas extorsões a todos os que tivessem a infelicidade de cahir-lhes na unhas.

E quem fallar de semelhantes assumptos, Santo Deus, naquelles tempos, sem sentir os arrepios de visão da forca, do pelourinho ou do calabouço? Ai! desse! As victimas gemiam surdamente desapparecendo de vez em quando das scenas deste mundo. Ladrões communs, ladrões de estrada, moedeiros falsos tinham alli sua séde e seus cumplices à sombra dos graúdos. Ninguem com segurança! Os forasteiros olhavam com terror e disconfiança para Villa Risonha; e apenas satisfeitos, quando obrigados, os deveres do fisco, della fugiam a todo panno, não ousando nem siquer pernoitar.

Tornara-se um antro perigoso de mandantes e mandatarios de emprezas tristes. O jogo, a cachaça e o cortejo de vicios immoraes medravam desassombradamente. Sequestros deshumanos e oppressões por toda parte onde chegava a jurisdição official.

Anormalisou-se a vida. Uma famosa quadrilha se interpoz entre as estradas que alinhavam de Goyaz, Paracatú a São Romão. Acabaram-se as garantias. Garimpeiros, tropeiros, commerciantes, boiadeiros, abriram outros rumos. Desde então, tudo a cahir palmo a palmo em Villa Risonha, até as rendas da collectoria.

Choviam de Villa Rica terriveis reclamações pela menor falta.

O governador, apezar dos documentos apresentados pelo seu agente, jamais esquecera, nem perdoára ao cellector sua falta de cuidados ou arranjo do transporte do dinheiro, sua impericia e pouca importancia em rehaver o perdido, sepultado nas aguas do

São Francisco. Incurso, portanto em um formidavel odio que cedo ou tarde explodiria. Pedrosa pagar-lhe-ia a morte dos seus dragões. Este ZUM ZUM chegára até São Romão na bocca do povo. Mentira ou verdade, o certo é que officios carregados exasperavam de continuo o collector e este desabafava-se, queixando não saber de que modo fabricar dinheiro para remessas; estava velho, cansado de servir ao ingrato governo e sem proveito, governo que não compensava a lealdade e sacrificios de seus mais fieis servidores. Tinha uma patente de Capitão-Mór; mas, de que valia? que lhe rendia a tal patente? Não fôra ella, elle tambem não existiria, quem sabe? Que de um emprego tão ordinario, qual o collector no sertão, não precisava para viver; daria a quem quizesse e de bom grado aquelle mortificante emprego; sua fazenda e suas economias sobrariam e muito bem para o resto de sua existencia. Assim dizia, tencionando pedir demissão do cargo, mandando fazer installações novas em seu sitio para onde desejava retirar-se.

XI

No vertiginoso curso de tantos factos emocionantes esquecera o povo do projectado casamento de Francina e Pedro Lára, tão proximo estava.

—Vexames e attribulações do pae, desde que aqui chegára o agente arrecadador, diziam; opinavam outros, não ser esta a causa; porquanto, era tempo mais que sufficiente para a realisação do consorcio.

Que faltava? Pae, rico, muito rico! Qual, pois, a difficuldade? Os do noivo, tambem abastados, não precisam do Pedrosa. Para que e porque tanta frieza? DENTE DE COELHO naquelle negocio! Concluia o juizo da maioria ignara, sempre propensa a metter-se onde não lhe cabe. De facto, assim era; e a razão dos que não desculpam nem perdoam. Lára, desde aquella ultima noite dareunião, nunca mais apparecera na villa, nem qualquer outra pessôa de sua familia. Recusando o papel miseravel do convite, vira claramente o futuro que aguardava a deshonestidade daquella gente. Sabia em que odio intranhado estava incurso, pelo desapontamento com que recebera os seus conselhos. Pensára em seu filho e se esforçara por desviar de sua cabeça e do seu futuro consequencias bem fataes. Não se realisaria nunca esse casamento, previa; mormente quando, era o Pedrosa detentor de uma bôa fortuna que agora, se bem que passageira, escorava um perigoso patife.

—Estou sciente, reflectia o Lára, de funestos occorridos, começo dessa tragedia que não se prevê até onde vae. Pouco importa-me o que acontecera mais tarde, contanto que salve-se a minha consciencia. Até hoje tenho mantido absoluto silencio com a minha familia. Com geito e muita habilidade retirei meu filho das fes-

tas do emissario. Poderia ser accusado como um dos cumplices mais tarde. Quem duvidaria? Demais, anda muito poderoso o Pedrosa, com o seu ajudante de ordens, o João Sabino. Orgulho sem limites. Comparsas no crime, quantas desgraças, quantos assassinatos! E tudo obra desse maldito roubo! Pobre selleiro, desgraçado pescador, miseros dragões e infeliz padre! Santo Deus, quantas victimas!

Onde está a justiça do céu? Affastarei meu filho do contagio de semelhantes monstros. Esse casamento não vae; só meios muito suasorios, pois é negocio muito delicado. Resolveu, então, Lára dirigir, de accordo com o filho, uma carta circunstanciada ao Pedrosa; e, maduramente concertando o seu projecto, por um escravo mandara chamar o filho; Pedro, que trabalhava em um roçado proximo, acodira de prompto. Foi nessa mesma hora que louvava «Seja Christo» à porta um escravo do Pedrosa, entregando a Pedro Lára duas cartas: uma para si e outra para seu paé. Passando a desto, reconhecera Pedro a lettra de Francina e soffrego quebrara a obreia da sua, lendo e relendo deliciosamente palavra por palavra até á assignatura da sua bem amada. Queixava-se a moça da ingratidão dos Láras, tão seus amigos, da torturante ausencia do seu noivo, de Salomé, de todos de casa que haviam-na desamparado. Porque razão? Seria possivel que não n'a queriam mais, que desprezavam sua famila? Que fiz eu, Pedrinho, interrogava a carta, a teu pae, tua mãe e a querida Salomé, para eu ser assim maltratada?

Esperei a todos para a festa e... nada! Os mezes estão correndo, nosso enxoval de ha muito que chegou de Villa Rica, e meu pae nem siquer falla mais em nosso casamento. Emudeceu de todo. Anda muito pensativo. Os vadios de meus irmãos, do mesmo modo. Não sei que ha e exijo resposta e tua presença em nossa casa. Fico esperando e muito afflicta. Tua Francina.

—Bravo! muito bem! exclamara o velho Lára. Por esta eu já esperava, graças ao céu. Pedro, leia esta carta! Véja a prepotencia deste canalha! E passou a carta ao filho. Era brevissima e assim se exprimia:

—Senhor Lára— Por motivos de causas superiores á minha vontade, tenho faltado com o dever de communicar-lhe o contracto do casamento de minha Francina com o distincto moço da nossa sociedade, o Senhor João Sabino. Queira desculpar-me a demora. Pedrosa. Lára, num sorriso amargo, olhava curiosamente o filho com

uma piedade immensa. Pedro, passando as vistas pelo laconismo atrevido da missiva, bradára indignado:

—Queira desculpar-me, meu pai! Este homem é um grandissimo mentiroso e... Leia o senhor esta outra. E entregou-lhe a de Francina. Lára passou as vistas na carta. Pungia-lhe o coração, e duas lagrimas, sem o querer, rolaram silenciosas. Meditando longamente ordenou ao filho; emquanto o escravo entretinha-se lá pelos fundos da casa.

—Puche aquella cadeira e senta-te aqui mais perto. Pedro obedeceu.

—Meu filho, escuta-me. Estou em edade muito avançada para luctar; mas, você é moço, pode e deve luctar. Sabes quem seja o Pedrosa? Pedro, um pouco perplexo ante aquella pergunta, respondera contrafeito, porém, com muita naturalidade:—não senhor!

—Vejo-te em um estado de paixão que não te deixará reflectir um instante. Receio que seja o mesmo para o futuro. O que acaba de se dar, é simplesmente uma afronta de poderoso. Está bem claro que o malcriado portuguez não quer o casamento. Descaradamente toma o partido da mentira. Pensas tu ser um mal? Não! E' um bem. Deus que tudo vê, preserva-nos deste mal. Não é pela moça, como bem vês uma bôa menina, um anjo, uma prenda, uma alma simples entre demônios. Pelo seu lado, nada melhor; mas o pae e o resto da familia, estão bem distante dessa Francina amavel e generosa.

Coitadinha! como soffre e como vai soffrer ainda! Pedrosa, homem máo e terrivel! Se elle repudia deslavadamente nossa alliança de semelhante modo, estará estribado em razões outras que não as que apresenta, e eu tenho somente motivos justos que muito orgulham-me para regosijar-me mais do que elle. Essa alliança não nos converia; e com franqueza dar-nos-ia que fazer. Pedrosa, meu filho, é um homem sujo, indigno e egoista. Pedrosa é apenas um appellido desfarçado. Elle é um celebre Pedro Mariz, portuguez; é só isto que todo o mundo conversa e de nada entende. Veio para o Brasil em busca de um irmão—Felix Mariz. Desencavara-o em Goiaz, casado já e com uma fortuna bem consideravel em minas de ouro do Ferreira Felix—um excellente coração—acolhera com alegria o irmão com quem associára, passados tempos, em compras e vendas de animaes e de escravos para a capitania de São Paulo. Felix era trabalhador e se casara com uma goyana, tambem

de familia rica. Com o genio atilado do irmão, por elle orientado, sem perda de tempo iniciou-o na carreira commercial a que se entregára. Pedro, realmente, mostrou-se activo e intelligente e não tardou captar a inteira confiança do irmão. No auge dessa prosperidade, inesperadamente morre Felix.

Como socio, assume Pedro a direção do todos os negocios do irmão.

Cerca de uns dois annos, depois da morte, elle logra de modo bem cruel a desditosa cunhada, e inesperadamente, raspa-se de Goyaz, onde nunca mais pozera os pés, levando todas as economias.

Andejo, perambulára por S. Paulo e Rio Grande do Sul com o supposto de Manoel Pedrosa, para difficultar pesquizas da cunhada.

Essa, coitada ficára de tanga e nas tangas morrera tambem atravessada de desgostos, de paixão e de miseria.

Não se sabe porque CARGAS DAGUA aqui estourára, em uma occasião em que toda a margem do S. Francisco e este sertão andavam agitados com idéas de independencia do Brasil, promovidas pelos povos do Brejo do Amparo com ramificações por arraiaes diversos deste norte.

Esses povos, principalmente os do Brejo, eram os antigos combatentes da guerra dos Emboabas, que, derrotando os Paulistas, por alli se recolheram, sob o compromisso com o governador Antonio de Albuquerque ao criar esta capitania de Minas. A conspiração rebentára em 1734 a 1736. Pedro Mariz associa-se aos revolucionarios. Esses marchariam com um exercito até Villa Rica para depor o governador e dar o grito de independencia. O exercito chega a São Romão em 1735. Mariz, deante da exaltação popular teve mêdo; e receioso de graves consequencias, como um dos influentes, poude convencer aos revoltosos de que a força era insuficiente e estava mal apparelhada para atacar Villa Rica, que conhecia como as palmas de suas mãos. Convinha, portanto, refazer-se de mais gente e de munições de bocca e de guerra. Com effeito assim era.

De São Romão volveram os revolucionarios, acceito que fôra esse alvitre. Que faz Mariz? Secretamente dirige-se a Villa Rica e de tudo dá parte ao governador Pina e Proença, pondo-o ao corrente, encarecendo a revolução, e obtem desse uma ordem secreta de prisão contra os principaes cabeças e retirara-se para São Romão.

Em 1736, isto é, um anno decorrido, o exercito novamente chega a São Romão.

Mariz dá o grito alarmante do trahidor e tenta prender seus antigos confidentes. A indignação e o descontentamento foram tão grandes que pouco escapára o denunciante de ser linchado pelo povo.

Desorganiza-se o exercito, agora, sciente da trahição. Mariz escondera-se, communicando ao governador o que succedera.

Não demorou que um destacamento reforçado entrasse pelo S. Francisco, prendendo no arraial de Pedras de Baixo a D. Maria da Cruz, cunhada do vigario geral da Bahia e senhora de muita importancia, ella e seu filho Pedro Cardoso. Desce a força, cerca o arraial do Brejo do Amparo. Fogem os revolucionarios. São presos: o vigario Pe. Antonio Santiago e um mulato de nome Simeão Corrêa. São arrazadas as casas dos cumplices e postos em hasta publica os seus bens.

Maria da Cruz, Pedro Cardoso, o Padre Santiago e Simeão Corrêa, postos a ferro, marcham para Villa Rica.

Chegados a S. Romão e recolhidos provisoriamente á cadeia, nesta amanhece morto o Pe. Santiago. Maria da Cruz e os demais, chegam á Villa Rica e são remetidos para a Ilha das Cobras no Rio de Janeiro, onde falleceram.

Assim, acabou-se a revolução, a qual, para não chamar a attenção geral, deu-se por ironia o nome de «Motins do Sertão».

E motins do sertão deram bem horas amargas aos poderosos portuguezes. Pedro Mariz, ou antes, Manoel Pedrosa, teve uma recompensa: a patente de Capitão-mór do Acary, a nomeação de Collector das Rendas e a Commenda da Ordem de Christo. Deante de tudo isto—BICO! em São Romão!

Ahi tem você, meu filho, o Mariz, que aqui chegou todo coitadinho. A sombra do dinheiro e das honrarias, abafou tudo, arranjando no final casamento rico; depois amasiára, criando os filhos na malandragem. E está muito bem! Além do mais, fizera-se capitalista por mão baixa, a juro do diabo, escambixando todos aquelles que têm a infelicidade de cahir ou tocar no seu maldito cobre. E' uma fortuna desprezivel, incapaz de apresentar-se limpa em sociedade decente, e cujo fim, os que ficam testemunharão o seu desbarato, pois que, está acompanhada das maldições do céu. Não é sem receio a repugnancia que nutro a respeito desse teu casamento que, ao meu ver seria bom riscar, arrazar do teu espirito.

Penso que elle não se realisará jamais. Póde ser mas... duvido. Bella menina! mas o pai, uma pustula e os filhos perdidos pelo mão exemplo. Toda essa fumaça desapparecerá para sempre. Cumpro, assim, o dever sagrado de desviar da tua fronte o raio preste a cahir do alto; digo-te isto com sinceridade, no seio da familia; lá fóra não aventuraria palavra. Ha outras cousas tão sérias que não tardarão ficar bem patentes.

Por emquanto não convém; eu seria simplesmente um despeitado e nada mais. Pedro ouvira submisso e resignado todas as verdades e conselhos de seu pae a quem muito amava; mas, o fogo de sua paixão accendera-se mais violento e ardia e devorava-o intensamente. Sua mãe e sua irmã leram as taes missivas com vivo protesto pela dignidade offendida.

O ardoroso moço, sem consultar a seus paes, resolveu consigo desafrontar-se, partindo secretamente para São Romão.

XII

Insistentes os rumores de uma denuncia aos ouvidos do Governador em Villa Rica, sobre os fatos desenrolados em São Romão.

Mas depois de tanto tempo, quem poderia ter dado semelhante denuncia? Era o que se perguntava e uns criam, outros não. Pura conversa. E o povo a bater no assumpto sem saber como, nem donde procedeu. Os delinquentes, acostumados ao mandonismo, não davam attenção aos boateiros. Um acontecimento extraordinario, bem lamentavel, se passou na localidade e seria fatal não fosse a intervenção de pessôas numa banca de jogo.

João Sabino, o graúdo da villa, tentara furtar a um dos seus amigos e esse reagira, rasgando-lhe na cara as cartas do baralho com uma estrondosa bofetada seguida com o epitheto de ladrão e assassino. Houve um escandaloso FACA-FÓRA e BATE-BARBAS e João apanhára bastante.

— Este cachorro está entendendo que nesta terra não ha mais homens, dizia um da briga; depois de liquidar o que roubou e o que ajudou a roubar, ainda quer locupletar-se com o alheio, miseravel assassino! Quem sabe se os teus dias não estarão contados!?...

Sabino embriagado com tres garrafas de vinho no bucho, respondia cousas incoherentes, injuriantes e ameaçadoras. Incorrigivel jogador, tendo recebido excellente maquia de ouro e prata na partilha dos surrões, julgou-se um cacique, senhor daquella taba, gastando no jogo avultadas sommas em grandes paradas, mais perdendo do que ganhando e tambem dando luxuosos bailes e comezinas, rapido empobrecera na dissipação.

Já ninguem o aturava. Odios mal contidos e caras amarradas. Vivia a dar facadas ora num, ora noutro dos seus comparsas, obrigados pelo mesmo crime e remorsos a entregar-lhe o exijido entre medo e resmungos. O AGUIA bem o sabia por isto mesmo explorava sem se dar de rodeiados.

Nesse dia a fortuna havia-o abandonado.

Jogàra e perdera, bèbendo, até o ultimo vintem.

Vendo que não poudera mais continar, cobiçára o monte de ouro do parceiro, escondera uma das cartas; e, escamoteando outra, amassou-a, mettendo na bocca esforçadamente, para cuspil-a por um valente e estalado bofetão.

Rato apanhado um flagrante, quasi alli mesmo hia deixando a pelle, sendo retirado da banca pelo amigo Pedrosa, chamado ás pressas, levando-o para casa, onde geitosamente ralhára com elle:

—Que aquillo entre pessôas qualificadas não convinha; que diria o povo? Que era forçoso deitar um paradeiro áquella vida de bohemio que levava. Ora, qual o resultado? Brigas, escandalos, a má fama com um dos representantes da fina flor da sociedade e sem precizão.

—Ora, dizes bem, Pedrosa! Fui meter-me com quem não presta... é o caso; respondera o ebrio.

—Conta-me Sabino como foi isto?

—Não posso agora; estou tão nervoso que não ligo duas palavras. Se voçê não acode, tinha-me perdido com o safardana deste Juiz bobo que aqui vive, pois que, nos é que lhe emprestamos vida. Bem feito! foi o maior herdeiro das...

—Correio da Villa Rica! Yoyô! Sinhá Francina manda dizê, bradou um escravo á sala da repartição.

—Correio de Villa Rica! clamára Pedrosa, ouvindo longe as ultimas badaladas da sineta da cadeia anunciando.

—Meu compadre! tambem soára a voz de uma senhora, alli entrando angustiosamente.

—Que foi, minha comadre?

—Seu amigo acaba de fallecer repentinamente. Foi chegando da rua muito agitado, recebeo uns papeis, abriu, leu um delles e cahiu fulminado. Vamos lá em casa, meu compadre! Pedrosa sentia como que um raio estalar sobre sua cabeça.

—Com effeito, minha comadre! E' mesmo uma fatalidade! e, virando para o Sabino:

—Vamos até lá, Sabino?

—Queira desculpar-me. Não posso ir agora. Mais logo irei. Preciso retirar-me.

—Pois bem; não te demores, pois, tenho negocios urgentes a communicar-te.

—Bem; voltarei.

—Podemos ir, minha comadre, disse o Pedrosa, trancando a repartição e sahindo com a desventurada viuva do senhor Juiz.

XIII

Meia hora depois, Pedro Lára apeiava-se em casa do Pedrosa, onde fôra alegremente recebido por Francina e um pouco frio pelos irmãos desta, Luiz e Joaquim, que, vindo da rua, traziam novidades: a morte repentina do Juiz e a demissão de seu pai. Estavam, pois, pensativos. Pedro Lára por sua vez, lamentára tamanha coincidencia com a sua chegada. Trocadas as primeiras palavras de accusação de desculpas, da acerba ausencia entre Pedro e Francina, não tardou o accusado em expor os verdadeiros motivos que alli o trouxeram, apresentando as cartas. Os rapazes que de nada sabiam, não se atreveram a responder, tão attonitos, nada comprehendendo daquillo. Francina protestára com energia.—Ninguem sabe disto aqui. E' uma trahição. Nem eu, nem meus irmãos, ninguem desta casa póde asseverar semelhante disparate. Se ha alguma cousa eu ignoro.

Um instante de silencio... e depois, rompeu Francina quasi chorosa e indignada:

—Casar-me com um João Sabino! Você não sabe, Pedrinho o que hoje mesmo se deu aqui! Um homem deshonesto e deshonrado... uma escoria! Qual! Meu pai... Não sei! Só uma loucura. Que lembrança! Nunca fui consultada sobre tal assumpto. Nem que o fosse! Casar-me com o João Sabino... nunca, nunca!—Francina, póde crer que estas cartas cahiram lá em casa como um raio. Meu pai, então, fez-me dó, quando leu-as, razão porque resolvi chegar até aqui.—Muito duvido, Pedrinho, que meu pai haja escripto tamanha affronta, disse Francina a chorar. Ouviram-se passos subindo de subito a escada. Era o Pedrosa. Vinha consternado e nervoso. Tendo ouvido as ultimas palavras de Francina, brutal e imperiosamente rompera sem cumprimentar o Lára:

De nada duvidem. Escrevi mesmo. E que deseja mais o senhor Pedro desta casa?

—Protesto, senhor Pedrosa, pelo modo com que nos communicou.

—Que querem o senhor e o senhor seu pai? Em minha casa não acceito conversas, nem explicação, replicas e treplicas, uma vez que os despedi para sempre.

—Mas, meu pai, interviu Francina, eu nunca em tal consentirei. Casamento, como o senhor quer e com quem, queira perdoar-me, nunca!

—Retire-se para o interior que é lugar da mulher. Mulher não tem palavra e filhos, somente obedecer. Quem manda aqui, gritou: ou são os Láras ou eu? Não lh'os quero; o senhor não me serve por genro e estádito tudo, tudo acabado entre nós! Ora essa, senhor! Muito obrigado!... De ha muito que deveriam ter ajuizado.

—Agradecido pela desfeita em sua casa, senhor Pedrosa! protestou Pedro.

—Ha muita gente a quem se lhes estude os pés e tomam logo pelas mãos. Decididamente: Láras em minha familia, nunca, nunca! De brasileiros falsos, denunciantes, pretenciosos e desaforados estou farto. Do bugre ao portuguez... oh! que distancia!

—Retiro-me, senhor Pedrosa, porém, devolvendo-lhe os pesados insultos atirados a uma familia, tão honrada qual a sua e a quem o senhor não sabe devidamente respeitar.

Honro-me em ser brasileiro, bugre ou não, mais que qualquer aventureiro que, cavando a vida, suja a hospitalidade recebida.

—Não seja atrevido! Olhe que está em minha casa. Retire-se!

—Retiro-me, não ha duvida; mas, o que tenho dito, tenho dito! Ouviam-se lá por dentro uns soluços doloridos. Pedro immediatamente retomára o caminho da fazenda.

Pedrosa chegára em casa mal humorado. Sahira antes em companhia da comadre D. Bonifacia, viuva, agora, de um dos seus melhores amigos—o Juiz Thomaz Ortigas, e della soubera todo o triste desenlace. A sala—cheia de povo, cercando o cadaver e lamentando o facto. Ortigas, avançado em edade e achacado do coração, indo quasi as vias de facto com o Sabino no desastrado jogo, retirara-se muito contrariado. Chegando á casa encontra a esposa afflicta com o caso.

conselho.

Decorridos uns instantes, essa entregara-lhe uns papeis do

Achava-se no jogo o supplente do Juiz—o José Pacifico, quando se dera a briga. Apaziguada esta, os dois sahiram juntos, cada qual apurando a ladroeira do Sabino. Entrando em casa e recebidos os papeis, a conversa interrompeu-se um pouco para as bôas ou más novidades do alto, seguindo a opinião de Ortigas.

Rompido o envolucro lacrado, viram logo que alguma cousa de extraordinario ia-se dar, pela nota—RESERVADO.

Tres officios: um para o Juiz, outro para seu supplente e o ultimo para o senhor Collector, todos tres encerrados em um motivo unico: a demissão do Collector. O Juiz ordinario, ou em sua falta o supplente, após a communicação, sem perda de tempo recebesse a collectoria com todos os papeis e haveres; que se nomeasse sob fiança, ainda que interinamente, pessôa idonea para esse cargo, até a chegada de uma auctoridade especial para esse fim. Que tudo se desse sob o maior sigillo sobre a arrecadação, communicando sem demora o que acontecesse e com segurança e verdade. Mal terminada a leitura, tal o choque recebido que Ortigas tombára para sempre. Acudiram, mas, estava morto. José Pacifico, o supplente, tomou os officios, guardou-os para prestar os ultimos serviços ao seu amigo. Aos gritos de soccorro de D. Bonifacia, acudira muita gente, indagando o motivo, e logo se soube quasi em segredo, da demissão do Collector. A noticia voara com certa alegria de bocca em bocca:—O Pedrosa foi demittido!

Bonifacia, assim que o cadaver fôra exposto na sala, correra á casa do seu compadre, um pouco distante, rua abaixo e agora com elle subia apressadamente. Em caminho, já o Pedrosa ouvia-o ZUM-ZUM de uma demissão e perguntava:

—Que é que está conversando essa gente, comadre, não ouviu?

—Não sei meu compadre; não ouvi. Tão atarentada!...

Um capadocio de esquina gritava para outro:

—Hein? Certo. Stá dimittido... Elle mesmo... o Pedrosa.

—Como se sabe, como se sabe?

—E' verdade! Agora é que estão percebendo... estão falando...

—Povo pessimo por novidades.

—Diz o senhor muito bem. Quem estará no caso de saber melhor do que o meu compadre? Ha muita gente atôa... gentinha já se vê. Nesse interim, chegam á casa. Tinha sahido o Pacifico. Encontrando-se com o Pedrosa, entregou-lhe um officio apressadamente, retirando-se sem dar palavra.

Pedrosa quasi cahiu, lendo sua demissão a bem do serviço publico.

Revoltou-es irado com meia duzia de desaforos ao governo.

Quiz retroceder; mas, D. Bonifacia, segredou-lhe qualquer cousa ao ouvido. Levando-o para o interior, trancando-se com elle em um quarto, abriu de uma janella. Pobre senhora! Morto o marido, enchera-se de temores e sobresaltos, receiando ser roubada pela justiça da localidade, motivos porque correu a valer-se do Pedrosa.

— Meu compadre, disse ella, tenha compaixão de sua comadre.

Eu sei que vou ficar nas cascas. O senhor sabe de tudo o que possuimos, e é a unica pessôa que achei digna de confiança em minha infelicidade. Temos aquelles dois surrãozinhos de moedas de prata e ouro que tocou a meu marido. Estou certa de que me tomarão tudo, se eu chegar apresentar o que tenho. Ora, nós, eu e meu filho, rapaz pouco ajuizado, somos os unicos herdeiros... e é em beneficio de seu afilhado, meu compadre...

—Ah! sim! sim! entendo!... Muito bem, muito bem! atalhou o Pedrosa. A senhora é mulher de juizo. Faz muito bem. Agradeço-lhe esta prova de estima e confiança, minha comadre! Comprehendo sua posição. Não mais necessario dizer-me cousa alguma. Não se assuste. Nada lhe acontecerá. Estou admirando-lhe: pois a senhora, apezar de ser mulher de um juiz, ignora o que se passa. Cerca-nos uma corja de ladrões dignos de acabar na forca. Eu que lhe digo. O mundo está perdido; mas, tranquilise-se, tudo farei por si e seu filho. Não tenha receios.

D. Bonifacia destrancou uma enorme mala de couro e chamou o Pedrosa.

—Estão aqui, meu compadre, os dois surrões e este cofrezinho de madeira que contém umas pequenas economias.

—Bem! feche tudo, tudo; feche tambem sua bocca. Nada communique a pessôa alguma. Nesses dias, depois do enterro, vá, sem que alguem veja, carregando aos poucos, tudo isto pará nossa casa. Lá estará mais seguro, e o mais correrá por minha conta. Vamos para fóra, afim de evitar alguma suspeita. Tratemos do enterro do compadre. Irei á casa e do mais falaremos.

—Sim senhor. Espero tudo do meu compadre.

—Não ha duvida.

Pedrosa retirara-se apressadamente, ancioso para falar ao João Sabino, a quem mandou procurar á toda pressa por um escravo.

XIV

Expulso Pedro Lára, o ex-collector dirigiu-se á repartição e esperava João Sabino, sentando-se na banca dos trabalhos. Descansando a fronte em brasas, entre os dedos da esquerda, com os da direita tamborilava nervoso e inconscientemente sobre papeis, contrariado e pensativo. Depois, para desafogar-se, resmungou um tanto ríspido:

—Quanta cousa em um só dia e ao mesmo tempo! Morte repentina de um dos meus amigos, minha demissão, o casamento desse maldito moço! Porém, tudo hade arredar-se. O casamento—o que eu mais desejava—despachado, despachadissimo! Ha uma difficuldade e resolvel-a-hei de qualquer forma.

Quanto a este miseravel emprego, pouco importa-me; resta-me saber como foi isto e o que succede a respeito. Demittido accintosamente e a bem do serviço publico... não passa de alguma denuncia. Isto é tão duro como osso. Tardava. Tambem não sou de ferro; respiro mais livremente. Porém, que demissão, que desaforo! Dizendo assim, levantou-se, tossiu grosso e escarrou. Cruzando os braços pelas costas, caminhava de um lado a outro da sala, impacientemente esperando pelo Sabino.

—Com licença! bradára um pessôa á porta.

—Queira entrar! Diabo! (a parte)! E' o diabo do Pacifico!

—Bôa tarde! senhor Pedrosa!

—Bom Pacifico! Queira sentar-se.

—Por pouco tempo. Estou a serviços...

—Do enterro do nosso amigo! Já sei.

—Não! Serviços publicos. Infelizmente sou hoje o juiz ordinario...

—Você o juiz? Então, meus parabens!

—Ou para males! Recebi ordens do governador e venho confabular comsigo sobre sua demissão, entrega da collectoria e nomeação interina de um substituto, conforme estes officios. Pedrosa leu os papeis com curiosidade e os achou conformes. Conteve-se por um instante, e indagou depois, nervoso:

—Inda que seja um segredo official, será possivel saber-se se a minha demissão seria obra de alguma denuncia?

—Homem, não se deve ajuizar em falso; mas, parece e está bem claro, Demissão sem pé e nem cabeça !... E' para admirar-se.

—Mas meu amigo, quem o atrevido para denuciar-me?

—Infeliz deste patife! ah! desgraçado se eu soubesse!... E agora desculpando-me a ousadia, quem você pretende nomear como collector?

—Irei pensar ainda. Que acha o senhor?

Ira pensar ?... tanta gente bôa, nossa e precisada? Bem verdade um cargo de responsabilidade e que requer inteligencia.

—E qual dos nossos?

—Oh! tantos...tantos! E citou varios nomes e entre estes o do Sabino.

—Todos não! alguns, menos o João Sabino.

—Porque não o Sabino?

—Sabino!... meu Pedrosa? Sabino, causa da morte do nosso amigo por questões de jogo ¿ homem perdido!

Jogaria até o ultimo vintem da collectoria, se duvidar até a propria collectoria. Ah! Este está riscado da lista das competições e fóra de combate, portanto.

—Não é tanto como pensa o meu amigo. E' o unico habilitado para exercer o cargo e não vejo outro. Responsabilisar-me-ei por elle se você quizer.

—Sou franco. Não serve.

—Serve, homem! Cada qual tem o seu prestimo. E' porque muita gente bôa não o conhece como eu: intelligente, dedicado, amigo dos amigos. O resto são senões que se apagam.

—Bem difficil para um encorrigivel. Pedrosa affagou num projecto. Presisava prevenir o futuro. Foi a um reservado e destrancando um cofre de madeira e tirando um grande cartucho de moedas de ouro, meteu-o familiarmente na algibeira do juiz.

—Para alfinetes! e não repare, não repare?

Gostosamente suportará o Juiz aquella indignidade.

—Gente, este Pedrosa tem cousas! Quem ja viu homem assim? Tem das suas!...

Procedo sempre deste modo com os meus amigos. Fiança e todas as demais despezas... por minha conta!

—Está bem! Já que o amigo o quer... seja feita a sua vontade.

Um intante de silencio. Os sinos dobravam... Finados!

Coitado do meu collega, (disse apalpando o cartucho) estava bem doente; seu mal era de morte. O que não se esperaça era que fosse repentina.

—Ora, a vida é assim... de sobresaltos.

—Agora, meu Pedrosa, a tal denuncia—não se retira do meu espirito. Neste momento entra uma escrava trazendo o chá Soam palmas:— Com licença...

—Entre, João Sabino! Muito bem vindo! ao chà, Sr. Collector!

—Como? interrogou o Sabino, todo suprehendido.

Pedrosa e Pacifico entreolharam-se rindo.

—Ao chá, Exmo. Sr. Collector!

—Acceito o chá, mas do collector os cobres!... protesto!

—Pois vá protestando para receber esta incumbencia.

—Só de doidos! Não estão vendo que não aceitaria, nem por sonho este perigo? Torraria em dois tempos esta desgraça.

—Uma gargalhada entre o Pedrosa e o Pacifico.

—Sabino atalhou o Pedrosa: trata-se de cousa muito séria. Estou demittido, sabes decerto!

—Ouvi falar. Como foi isto, e por que?

Desconfia-se de alguma denuncia; do resto, nada.

—Com effeito! E agora boa tranca me empurram.

—Não podiamos abandonar-te tão precisado. Acceita. Despezas, juntamente á fiança, tudo por minha conta.

Servindo o chà, retirou-se o Pacifico, ficando os dois a sós conversando.

—Porque me propuzeste, pois que sei que partiu de ti?

—Ah! é uma providencia reservada; has de sabel-o mais logo. Breve, passa entre nós dois.

—Sabino, estou bastante afflicto e tenho um negocio de importancia a confiar-te em segredo, peço desculpas desde já por ter usado e abusado do teu nome.

—Que ha então?

Você bem sabe o que ha entre nós e os Láras.

—O casamento de sua filha com o Pedro.

—Precisamente isto; porém, tudo esfriou-se, desde aquella noite em que fomos trahidos por tua recusa. Vê que elle aqui nunca mais poz os pés e está desconfiado.

—Desconfiado sò? Bom velho; porém nesse negocio não póde existir confiiança bastante. Deu sua palavra de honra e tem sabido cumpril-a, sim: e o perigo està de pé.

—E não ha meios de conjural-o?

—Não vejo; por que não acabas com esse casamento que te traz tantos embaraços?

—Foi justamente o que fiz, escrevendo ao pai do rapaz. E recitou o conteúdo da carta.

—E Dona Francina tem sciencia disto?

—De modo algum. Está innocente. Pedrosa mentia.

—Bem ruim isto. E depois?

—Mais nada! simplesmente, deitar um prego em tudo.

—Que tabacadas do diabo e que enredo grosso! Usaste do meu nome? Arranjaste-me inimigos.

—Sim! em confiança. Fiz mal, não fiz?

—Esta bem! Tens carta branca para mais; estamos entretidos e comprehendo o teu jogo; mas, é pancada... grave.

—O Pedro aqui esteve. Veio saber da verdade e comportou-se mal, vi-me obrigado a expulsal-o da minha porta. Eu cà sou assim: Não quero? não quero, não ha mesinha.

—Ora, diabos levem paixão, homem! E os dois despejaram-se em gargalhadas.

—Passando-se ao serio, falaste-me em denuncia.

—Ah! Sempre você, Sabino, foi de um tino admiravel e atilado como uma raposa. Quem você suppõe capaz de nos...

—Isto agora é commigo só.

—Mas na intimidade...

—De qualquer fórma surgiria uma conjectura; e em conjecturas não se accusa ninguem. Simples possibilidades! um modo de ver e de apreciar as cousas sem fundo serio.

—Sei lá, seu Pedrosa! Ha tanto amigo urso! Vamos ao caso. Quero o teu parecer. Ha dedo de alguem. Quem é o teu inimigo, sinão o teu visinho de officio?

Pedrosa esteve olhando firme para o Sabino. A maledicencia levara-os ao longe... incomprehendidos!

XV

Desastrada crise abalava por esse tempo toda a capitania dentro de quasi vinte annos de 1736 a 1755, desses acontecimentos geràes, sendo intensa, por chuvas irregulares em todos o São Francisco, notadamente no correr de 1754-1755. Uma secca nunca vista quasi cortára o grande Rio, cujo leito se mostrára todo descoberto, occupado por bancos e corôas de areia, grandes ilhas de cascalhos faiscantes aos ardores de uma estiagem abrazadora... de fogo.

Em toda parte perdiam-se os roçados. Seccaram-se as lagôas e as vazantes, outeiros marginaes tornaram-se incultos, nada produzindo. O gado, ou antes, as raças de animaes, desappareciam em pavorosa mortalidade. Os generos alimenticios de primeira necessidade subiram de preço pela escassez. São Romão nunca tivera vida propria. Fundado no sangue dos indios Guaiybas, na mineração do ouro e mais tarde na do diamante, decahira, desde que em outros pontos foram descobertas melhores e mais abundantes fontes. Possuindo excellentes terras, nem por isto jamais aproveitadas. A fazenda de criar fôra sempre o seu maior fraco; consistindo nella o seu progresso, sem nenhum preparo nem reparo sinão o da natureza. As populações ribeirinhas e centraes gemiam procurando arrimo. Morreu muita gente de miseria e fome. Caravanas transitavam em todos os sentidos em penuria extrema. Grande o clamor em todos os recantos da vastidão mineira. O governo não acudiu sinão os seus interesses, oppressores, na ganancia incontida do ouro. Para cumulo de soffrimentos, em 1755, anno terrivel, Portugal quasi voara no terremoto que devastara Lisbôa. Metade da capital là se fôra. O aperto para o Brasil, vexatorio, para restabelecel-a. O fisco communicava a vida das capitanias. Minas era o centro do vandalismo estrangeiro, absorvendo

pelo imposto a seiva fecunda dessa segunda terra da promissão. E os povos clamavam sem esperança. Pela primeira vez apparecera a peste da variola. A principio benigna, levava depois, infecciosa, terrivel, arrazando milhares de vidas. O centro dessas margens—simplesmente pavoroso. Pequenos arraiaes dellas desappareceram para sempre. Enterros por toda a parte por insufficientes os cemiterios. Cadaveres as carradas. O São Romão—uma necropole. O contagio assolava como uma torrente devastadora. Um violento tremor de terra cercára um dia toda a villa pondo tudo em sobresalto. A maioria das casas soffreu grande abalo. O panico correra com os habitantes para as florestas. Por falta de higiene e de caridade, os urubús tomaram conta da villa. Debandada geral ao estourar do primeiro cadaver insepulto: o salve-se quem puder. Dos heroes de rapina, de lagrimas alheias, assassinatos e patifarias, nem rosto sobre a terra, sinão os de Sabino, do ex-collector' seus filhos ou algum outro, todos amedrontados, correndo, escondendo, fugindo ao contagio. Receioso de ser tambem alcançado, o Pedrosa raspara-se com os seus para sua fazenda. Sacudidos temores de uma consciencia depravada, uma vez lá em seguro, mandára trancar e vigiar cancelas com ordem expressa a uns escravos e aggregados de fazer fogo a qualquer varioloso que dessas se aproximasse. Nas antevesperas de sua partida, victima de peste, morria seu afilhado, filho da viuva Bonifacio, em completo abandono. Bonifacio, antes de partir o seu estimado compadre, fôra se ter com elle para rehaver o PEQUENO thesouro sob sua guarda, e quasi apanhou uma surra. Pedrosa terminantemente negára a pé firme jamais ter recebido cousa alguma de semelhante doida, audaciosa e ladra. E assim a despedira. Em tal estado de penuria e não mais podendo resistir a miseria, a pobre senhora suicidára, envenenando-se. Com a noticia de sua morte tragica, Pedrosa arrancára-se carcomido de remorsos.

XVI

O aviso das cancelas e fuzilamento dos pestosos, afugentava-os para a fazenda dos Láras, onde achavam conforto e caridade. Infelizmente bem depressa correra a noticia de que aquelle santo varão morria, victima de sua piedade e dedicação pelos infelizes; morte sentidissima que echoára longe, tanto acatado pelo seu caracter e virtudes innegaveis. Paulista de raça, dos seus herdara o prestigio de destemeroso bandeirante. Casara muito moço em uma das familias da nobre estirpe de seus patricios, antigos e primeiros fundadores de São Romão, onde chegára em demanda das minas do Ferreiro, em Goyaz. Demorando-se ahi para refazer-se da jornada e em visita aos parentes, adoecera de impaludismo, desistindo por fim, da viagem, casando-se, passados tempos com uma formosa e distincta jovem, e não mais pensára em retorno á patria, assim como tantos outros seus antepassados.

Amparado por uma fortuna modesta, e mais do que isto, pelo sincero amor á familia, conformára-se com a vida sertaneja, deixando-se pouco a pouco ficar, e assim morreu longe dos seus, legando-lhes os exemplos de honestidade jamais desmentida e uma memoria tranquilla e feliz.

Soubera Francina da fatalidade dos Láras. Sob sigilo e vencendo vigilancias por intermedio de uma escrava—Graciliana—escrevia a seus amigos confidencialmente, dando pezares, ao mesmo tempo que implorava-lhes perdão para o seu pai, da impia de que fôra victima o seu querido Pedrinho. Que seu pai andava em estado de não poder conter-se com a demissão que soffrera, além de outras inconveniencias procedentes de individuos desbragados que o cercavam, e de negocios, a seu ver, peiorando de instante a instante.

Que não os esquecia nunca. Seu pai usára de uma farça com o tal João Sabino. Descoberto o embuste, tudo peiorara. Não tivera mais um instante de socego, sob severa vigilancia dos seus, attentos sobre si. Sentia não estar ao lado dos seus amigos. Que havia orado muito pelo seu bondoso Lára e não abriria mão de suas fervorosas esperanças em Deus. Sua fé—inabalavel! Ou Láras, ou nada. Experimentava contrariedades sem nome: estar tão perto e não poder vel-os. Que precisava falar ao Pedrinho e não sabia de que modo, sem despertar desconfianças. Iria pensar e fazia votos pelo descanço eterno de seu saudoso e querido sogro e consolação aos que ficaram chorando. Fôra lida a carta com interesse e a escrava voltára, levando a paz que lhe enviavám os Láras, paz justificada e longe de uma repulsa. Não guardava rancores aquella familia privilegiada e soffredora, tudo perdoando por amor daquella menina admiravel, solicita e perseverante, inda mesmo na desventura. Embora altiva e de uma extraordinaria força de vontade, a viuva Lára—D. Geracina—media com raro presentimento toda a extensão daquelle amor de raizes fundas, inabalaveis, amor sacudido pelos tufões do odio, da soberba e da intriga. Continuando as tradições do esposo, prudentemente tudo regia. De maneiras distinctas e muito popular, descendia da bella estirpe dos Toledos, primeiros bandeirantes que aquella mesma terra haviam conquistado. Salomé, sua filha, com ella se identificava sobremodo, carinhosamente agarrada ao irmão. Pedro não mentira, pagando igual divida por uma dedicação a toda a prova. Rapaz sincero, atormentado pela paixão e incapaz de reagir, refugiava-se nessa quadra naquelles dois corações, tudo confiando-lhes. Ellas compadeciam-se do pobre Pedrinho.

E, contemporisar sempre, era o unico remedio, té que surgissem dias mais propicios. Não obstante, um como inferno, incendio em tempestuosa rajada proseguia. Elle muito novo, nos seus vinte annos, engolfava-se em meditações daquelles lampejos propheticos do pai que não mais existia, sentia como que su'alma lavada por uma ternura toda celestial, e recuava na lucta um instante; depois, envolto em uma athmosphera côr de aurora de seus sonhos, tombava deslumbrado aos raios do sol de uma austera realidade.

Desesperado, accordava deses extases, maldizendo a sorte, sem jamais salpicar a dignidade dos seus, nem por pensamento. Havia momentos de allucinação a lembrar-se injustamente expulso, e uma onda de despeito subia-lhe do coração á mente numa

cartada contra esse destino. Revoltava-se; Francina, o anjo da bonança, apparecia desfazendo a revolta. Corriam-lhe assim os dias numa esmagadora ancia, a que resolvera pôr um termo.

Os Pedrosas não se commoveram com as desditas dos seus ex-amigos.

Pelo contrario. Aquella morte regosijara-os e nem faziam disto mysterio, vomitando blasphemias: Lára, muito bem fallecido e em tempo; uma testemunha de menos. Mas, não nos apressemos ainda.

Precisamos do capitulo a seguir, emquanto boatos surdos, calumniosos uns, absurdos e desencontrados outros, fervilhavam pelo zé-povinho das visinhanças: Láras dizem isto, Pedrosas respondem aquillo. E uma arenga azêda e feia atiçava uma bomba, mais dia, menos dia:—Pedro rondava a fazenda do Pedrosa. Era a noticia.

XVII

João Sabino! Typo alto, cheio de corpo, figurão estragado e ainda sympatico, olhos de gavião, fala insinuante, rosto comprido, barba cuidada, tez avermelhada, nariz apapagaiado, cabelleira crespa, basta e ruiva, orçando para mais de trinta annos.

Nada demais, nada de menos: bohemio, um dos cumplices da ladroeira dos surrões, do assasinato do pescador e do seleiro,—alma damnada de todas aquellas tramas e morte repentina do Juiz Ordinario.

Era natural dalli. Recebendo avidamente o largo quinhão que lhe tocara do roubo audaz, em pouco tempo se tornara pobre. O luxo, a ostentação, o jogo, a bebedeira e a libidinagem haviam-no liquidado. A honestidade sensata delle corria leguas com a verbosa pabulagem de grandezas apparentes. Decahido, apezar de intelligente, evitavam-no, perigoso vivedor de expedientes, soprando quando mordia, ou agindo em botes para uma facada infallivel. E quem resistir-lhe a lingua viperina?

Temiam-no os seus comparsas sem resistir os impetos de sua brutal altivez.

Muitos escondiam-se e elle, sabendo disto, muitas vezes exasperava-se:

—Vocês estão enganados com o João Sabino, corja! Eu ainda prego uma á esta cambada, de arrepiar céus e terra. E juro que o farei embora seja envolvido. Que me importa. Hão de dar-me o que quizer ou levo-os todos pros infernos. Eu não vim ao mundo para a enxada nem baixezas de officios sem importancia e nem cahir; e o dia que isto acontecer, arrastarei muita gente na minha queda. Isto está de antemão assentado, queiram ou não, unhas de fome, vocês

não comerão sozinhos esta grande fortuna; só se eu fosse uma grande besta. Meu jogo é duro. Deixa estar.

Dizendo isto avançava, mastigava e engulia desbragadamente à vontade o que tocara aos outros. Todos gemiam; mas....

Elles encaravam uma casa em ruinas, sem virar os cacos sobre as cabeças. Ninguem o advinharia, nem mesmo o Pedrosa, sua revoltante ameaça. Prestada a fiança e recebendo a colletoria esbodegou-a num volver de olhos, chalasqueando:

Isto é sangue do povo e meu tambem. As rendas não davam para mais como em outros tempos, e elle viu-se em apuros nos malhos de um alcance de cerca de quasi quarenta e oito contos.

Dos seus amigos desapparecidos no contagio quem estava de pe era o Pedrosa. Não havia duvida: Iria no seu encalço.

Na diserção do povo, obrigado tambem a abandonar a villa, encafuou-se em um rancho de capim preparado ás pressas para o fundo da extensa ilha, fronteira dos Guahibas, onde sem orgias, com enfado curtia horas estirado em uma rêde. Imaginando contratempos, definitivamente resolvera escamotear os cobres ao Pedrosa. Chamando um escravo de apellido Guruba ordenou.

—Nesta ilha ha muitos animaes. Seja de quem fôr pegue um, atravesse o braço de rio e sele-o, sem demora. Avise-me depois.

O escravo partiu. Elle levantou-se espregriçando e bocejando alto.

Estendendo os braços á entrada do rancho olhou o tempo secco, calmo, calma a floresta estorricada, desnuda, e uma clareira aberta para os lados de São Romão distante. Uma nevoa rala e azulada estendia-se vagamente por cima do horizonte:—estercos de gado queimando-se abundantemente, dia e noite, por alguns sobrevi-ventes que se arrastavam inda lá ao abandono, entregue ao unico recurso de desinfecção da botica sertaneja.

Farejando a carniça, alas de urubús famintos, nos céus para aquelle lado, sumiam-se em busca dos cadaveres nas casas e nas ruas abandonadas.

—Tapera de São Romão! Villa dos urubús! Clamou surdo o Sabino.

Mal dissera isto, sem sentir nem explicar, parecia-lhe estar naquella penumbra o debate afflictivo de suas victimas e o justo castigo de Deus. Passou rapida a visão.

—Ora, bollas para tudo isso! cuspira o Sabino, tufando bochechas.

Chega a essa hora o Guruba, com uma besta.

—Não mandei que atravessasse o braço do rio.

—Não ha necessidade Inhô. Tudo secco! Senhô pode passá!

—Tanto melhor, então arreia depressa, e toma conta do rancho atè minha volta, Guruba!

—Nhor sim, meu sinhô!

Cavalgando, atravessou sem difficuldade o braço do rio e assim que subiu o barranco, com receio de topar algum bexiguento pelo caminho, tomou um atalho que sem saber, levara-o ao sitio do Pacifico, tambem foragido, junto ás êrmas plagas do rio Urucuia. Dez dias que o juiz Pacifico andava da sala para a cozinha com a correspondencia especial de Villa Rica que lhe enviára um seu amigo.

Não sabia como resolver negocios de tanta monta. Inesperadamente vendo chegar o Sabino á porta respirara:

—Que cousa providencial!

—De que, caro Juiz? disse apeiando-se o Sabino.

—Tua chegada a esta casa.

—Cousa bôa para nós?

—Nem bôa nem má!

Descansado o hospede, dedois do jantar e bôa palestra, já noite, o Pacifico encerrara-se com o Sabino em um quarto e exhibindo a correspondencia recebida. Elle examinou: duas denuncias com os dados diversos mas em um só assumpto. A primeira vagamente esclarecia. A segunda era precisa sobre os factos: o roubo, morte dos dragões, assassinatos, do pescador, do seleiro, do padre, os nomes de todos os cumplices. Eram anonymos ambos. Em consequencia: ameaças de sequestras, prizão e deportação do Pedrosa para Moçambique, fosse operado, prizão para todos os cumplices, demissão, prisão por crimes e alcance para o Collector interino, ultimamente ternado effectivo. Tudo em segredo de justiça. Sabino e Pacifico não dormiram. Sabino examinou a redacção das denuncias ex-cogitando silenciosamente tudo. A primeira tinha um cunho popular e de que pé se fallara tanto, e reconhecera que não podia ser obra dos Láras, como se julgava. A segunda estava em regra. Era sua. Copiara com cuidado todos os papeis e ao raiar da aurora continuava viagem, exaltando-se com um prazer diabolico:

—Estou com toda fortuna do Pedrosa nas unhas, somente com estes documentos. Aterrorisal-o-ei, tornando-me senhor do campo. O resto por minha conta. Êta João Sabino! Não brinquem com João Sabino! Arraso com esse millionario sujo, e senhor dessa for-

tuna, e não me faltará logar para viver neste Brasil.

No momento dissé ao Pacifico, a pertando-lhea mão sorridente:

—Na minha volta, meu amigo, na minha volta! Não se asuste não! quando quizer resolveremos tudó a seu ou nosso contento. Vou ao Pedrosa e até breve.

XVIII

Emquanto a mentira conspirava contra sua dignidade, Pedro Lára passava longos dias recluso em uma violenta paixão. Seu temperamento—excepcional! Uma idéia concebida arrastava-o.

Queria a todo custo ver Francina; precisava fallar-lhe, expor angustiosas saudades, esse fogo devorante e casto, aurora sem poente, fragoa da sarça que não consome nunca. A carta de Francina dominava, arrastava-o, nella meditando horas inteiras na quasi impossibilidade da ventura desejada. Faltando todos os recursos de uma communicação secreta, arremettia-se contra o inexequivel.

Ella, dia e noite vigiada e severamente guardada pelos seus!

Sabia! tinha certeza do insucesso. Nesse transe, corre á casa de Luizão, seu aggregado, e seu inseparavel amigo. Toma-o de parte, segreda-lhe, resolvendo definitivamente ver Francina ou morrer. Luizão de cousa alguma ignorava a respeito.

Alma bôa e sincera, elle, mais velho do que seu patrão, a quem de todo se dedicára, prevendo o desastre, reflecte um pouco e com a maior franqueza reprova a temeridade do seu joven amigo. Expõe com clareza sua falta de experiencia, a grande loucura que iria cometer e o risco a que se expunha. Elle não prestára attenção aos justos conselhos, exprobando a falta de amizade:

—Pela primeira vez desconheço-te, Luizão! O que você não fala è apenas de mêdo de uns pobres coitados com fumaças de dinheiro, valentia e nada mais. Comprehendo bem: não queres acompanhar-me; porém, fique sciente de que, custe o que custar hoje verei Francina, nem que eu morra. E sò do céu descerá o re, medio. Você diz que é meu amigo, e sei agora que o não é, nunca foi.

—Meu patrão, respondeu consternado o Luizão! Sempre

fui e serei todo seu e o senhor bem sabe que não minto. Ha ra-
zões de sobra; conheço, porém olhe para o futuro, meu moço! Não
seria melhor esperar mais? Seria! Nestas cousas o tempo é quem
vence tudo.

Prudencia, moço, prudencia! Permitta Deus que nada suc-
ceda. E se vier alguma desgraça que será de sua familia! Sua mãe,
tão bôa, sua mana que tanto o estima! Quanto a mim, se o patrão
diz essas cousas tão pezadas, fique desde já sciente de que estou
prompto; acompanhal-o-hei para onde quizer, para o fim do mundo,
morrerei comsigo se preciso, não ha duvida; porém, falo sério:
melhor seria não pensar nisso.

—Que? Não estou dizendo? Não preciso mais de ti. Irei
só. Tens mêdo, Luizão! E poz mãos á cabeça.

—Não conheço esta cousa, patrão! Mêdo? Já que assim
quer irei e está decidido!

—Irás, Luizão?

—Já disse.

—Então?... E estendendo-lhe nervosamente a mão. Prepa-
re os animaes, esconda-os bem. Partiremos às oito da noite, quando
todos estiverem acommodados; pois minha mãe e minha irmã dei-
tam-se cedo.

—Póde estar descansado.

Voltando à casa, escreveu Pedro estas linhas:

Salô—Hoje resolvi e quero ver Francina. Falei ao Luizão,
recusou ir commigo, mas insisti dizendo-lhe que iria só, se elle não
me acompanhasse. Deante disso resolveu ir commigo. São apenas
umas três leguas. Não te dê cuidados minha ausencia, caso eu não
chegue antes do romper do dia.

Nada digas a mamãe. Um beijo do teu—Pedrinho.

Dobrando a carta com rapidez, deixou-a alli mesmo.

Com effeito, ás oito horas em ponto, os dois partiram.

Noite sem luar. As 3 leguas—devoradas em hora e poucos
minutos, já em terras do Pedrosa e bem perto de sua casa. Os guar-
das-cancelas somente de dia ali estavam para impedir entradas de
pestosos. De noite recolhiam-se. Quasi fronteiro á casa assobradada
um accidente do terreno a direita ligava-se a floresta, encoberto
porém de um curto cerrado.

Dalli viam-se bem lá distante a casa e luzes mettidas em
silencio. Nesse accidente apeiaram-se escondendo os animaes. Lu-

izão tentára ainda deter o moço audaz; este, de modo algum con-
sentira em ser acompanhado.

—Não me acompanhes. Fique com os animaes até a mi-
nha volta. Se houver perigo, darei um tiro. Será o signal.

Vá, meu moço, mas, fico receioso de sua teimosia.

—Tudo por minha conta. Nada de receio. E partiu.

—Que temeridade! Forte desgraça, meu Deus! clamou Lu-
izão, no auge de uma dor secreta, vendo-o desapparecer nas trevas.

Minutos... horas... seculos de impaciencia! E nunca mais!

Noite silenciosa, interrompida de quando em quando por
alguma rajada de vento, trinar de morcegos ou o vôo rasgado de
aves noctivagas. Céu muito limpo, brilhante, sereno, em seu vasto
caminho de Santiago, num areial finissimo de mundos diminutos, fais-
cantes... além! Luizão olhava afflicto, quasi allucinado para o rumo
do casarão. Quasi duas horas! Nada de aviso. Afinal, e não se en-
ganára; vendo se mover e partir de lá escassas luzes que se sumi-
ram momentaneamente entre as folhagens, reapparecendo depois,
como uma visão que se adiantava para elle ou para aquelle logar
do serrado. Tentando illudir a si mesmo, em sobresaltos interrogava
—que seria aquillo? Nada percebia ainda. Teve duvidas, mas, dissi-
padas. Luzes como que caminhavam... paravam... sumiam... mais
perto da cancella... fóra da cancella... rumos de falas abafadas...
quasi não ouvidas... e agora mais distinctas, ganhando o accidente—
chegando ao cerrado. Ah! Realisada sua proteca! Que impetos de
largar as redeas dos animaes, e de um salto cahir sobre os bandidos,
dispersal-os a tiros, a golpe de punhal, luctar... até a morte! Assim
era; e a prudencia, melhor conselheira. Numero superior, e loucura
qualquer tentativa. Lára assassinado! Carregavam-no quatro pes-
sôas, acompanhadas de outras mais, armadas todas e apressadamente
para o chão atiravam com o cadavar, emquanto dois enxadeiros
abriam uma sepultura.

—Andem com isto ligeiro, pois teremos ainda que exe-
cutar e muito, bradára uma ordem auctoritaria. Luizão reconhecera
o Pedrosa. Sentira que a ameaça abrangia tambem sua pessôa. Que
seria procurado naquella capoeira. Este pensamento fel-o estremecer.
Acomodando os cavallos, preparavam-se para a desfora, para a morte
ou então para a fuga. Verdadeiros máus quartos de horas e de marty-
rios. Tão perto que bastaria o esturro, num bater de pé impaciente
de um dos animaes para alarmas e tudo perdido.

Não durara muito o trabalho. Sepultura rasa e o cadaver na mesma atirado sem misericordia.

—Isto! vociferava o Pedrosa. Vai attentar o diabo, desgraçado!

—Não provocará mais a um homem de bem! berraram os filhos.

—E nem mais a ninguem! disseram outros.

—Que venham agora os apaixonados! Cresçam e appareçam! gritou com insolencia o Pedrosa, já de volta, deixando o cerrado.

Pela curta distancia, Luizão podera ver á luz das tochas o rosto pallido e ensanguentado do seu infeliz patrão quando descia ao tumulo.

Chorando copiosamente a fatalidade irremediavel, cuidara chegar tambem sua vez; mas, terminado o enterro, retirara-se da matta sem percebel-o e não mais tornara. Conforme dissera o Pedrosa, que iria succeder ainda? pensára o Luizão

XIX

A pena treme e recusa descrever as dolorosas scenas, ao amanhecer, em casa dos Laras. Descoberta a carta do Pedrinho, Luizão fôra procurado. Soluçava louco de dor. Seu pensamento—retirar-se, dalli para nunca mais: porém reflectia no acto de miseria: abandonar queridos entes que acolheram carinhosamente aquellas terras durante a crise... Não! Nunca! A gratidão, a fidelidade, exigia que ficasse, ficava. Partilhar as desventuras de seus amos, era do seu dever. Attendendo ao chamado, deu um relato sincero de todo o occorrido, pormenorisando até os ultimos instartes do barbaro crime e acabou de joelhos aos pés de D. Geraaina, chorando, declarando-se culpado.

—Perdoado, Luizão! Levante-se! Sele immediatamente de novo os animaes e... aqui! disse a matrona numa expressão de heroina, inflexivel, resignada, firme, sem derramar uma lagrima.

De seus olhos desprendiam raios de colera de uma magestade offendida.

Luizão obedecera sem comprehender. Meia hora decorrida, voltára. Tudo prompto!

—Tambem prompta! E levantando os olhos para um dos angulos do sertão gemeu apostrophando:

—Pedrosas! Desçam ás profundas estradas dos infernos que lá mesmo nos encontraremos. Partamos, Luizão! . . .

. . . .

Com a celeridade do raio, a fatal noticia voára em todos os recantos da immensa região. Dois dias decorridos, e dos altos dos rincões do fundo das florestas, descia correndo gente, muita gente, á fazenda dos Láras, a todo o instante, de dia, de noite, á toda a hora, á todo o instante, num movimento aberto, definido de repulsa, de guerras sem treguas e voluntariamente. A indignação provocada accendera as chammas dessa revolta.

XX

Não se quedar ao Pedrosa. Tinha plena certeza deque iria se empenhar numa lucta, da qual não sabia se derrotado, se victorioso; pois a viuva Lára não era uma qualquer para engolir uma affronta e... de sangue ainda. Avarento em extremo, acautelára o seu thesouro, enterrando-o no fundo do grande pateo fronteiro ao sobrado, por um dos escravos de infucas e da sua maior confiança, tendo prestado antes um juramento de jamais o revelar. Vendara-lhe depois os olhos, desterrando-o para a capitania de Goyaz, receioso, de que em dias podesse utilisar-se do segredo e de sua fortuna.

Verdadeiras e irrevogaveis as ameaças! Pedrosa despacha escravos e comissarios e a pezo de dinheiro reune gente. Lucta mais que tremenda! Fronteiras perigosas arrebanhadas de longe, engrossam a phalange da gente graúda e por esculcas vigiam o campo opposto.

De parte a parte, os preparativos, esperando-se de uma hora para outra o rompimento; rompimento esse a que dera lugar os Pedrosas filhos que muito alto gritavam: que não deveriam de modo algum demorar, esperando o ataque. Seria dar tempo ao inimigo, e a inimigo não se dava treguas. Que accomettel-os de surprezas seria a melhor das tacticas e a derrota infallivel. Demais, seria uma vergonha dizer-lhe ao longe que os Pedrosas foram derrotados e correram de QUEM? ora, logo de QUEM?... Duma mulher sem nome, simplesmente orgulhosa, que só por isso se levantára contraria contra pessôas qualificadas, da mais apurada linhagem portugueza! Uns botocudos do Brasil!?... Que as cousas chegadas naquelle ponto donde não mais recuar, bom seria terminal-as resolvendo de uma vez, do que protestar; e o que estava feito, estava feito e não mais por se fazer. Pedrosa, levado pelas exaltações dos filhos, consulta aos

combatentes mais ajuizados, sendo unanime o parecer: devia-se surprehender o inimigo sem mais retardar. Tal a opinião de tod ; e uma vez esta acceita, organisou-se a tropa sob o commando de um valente jagunço—o Xico Casca Grossa, com instrucções de metter os inimigos em três fogos: flanco, frente e retaguarda, um activo a cento e cincoenta combatentes, ficando a guarda do sobrado sober outros cincoenta para os casos de necessidade. E o exercito se poz a marcha.

XXI

Presidia o campo larista o Luizão, que pedira com instancia dirigir a empreza, obtendo o consenso de seus amigos e companheiros de armas. Pondo em segurança a casa com os mais resistentes defensores, retirou a viuva, sua filha e escravos para longe—Espiando cauteloso, estudára os planos do inimigo. O pequeno exercito de voluntarios era de uns tresentos e quarenta e tencionava esperar o ataque. Preparou sufficiente munição de bocca e de guerra, bôas trincheiras e estratagemas, acodia ás menores necessidades, aconselhava aos incautos, instruia-os na defeza, no ataque, na retirada como no avanço, não descuidava, não cochilava, prudente e destemido. Por espias fôra avisado da marcha do inimigo. Naquelle tempo antes de alcançar a fazenda dos Làras, precedia uma estreita campina uma legua distante. Quem por alli passasse a contemplar o verde-esmeralda do chão raso, limpo de arvoredo de qualquer especie e coberto de relvas, quando chovia, extasiar-se-ia ante o panorama que se confundia com o azulado cêu. Na extensão, empastando ou ruminando naquellas solidões; não eram boiadadas. Eram cupins de terra vermelha, alvos ou pardacentos ás centenas, espalhados, parados, meditabundos, fincados como esphynges. Era a aldeia; isto é, a tapera antiga dos Canastras, indios que outrora alli habitaram, em buracos abertos por tatús-canastras, donde lhes veio o nome. Pelas quatro horas da madrugada o exercito Pedrosa por alli rumoroso, pelo meio da estrada que cortava de sul a norte a campina. Nessa hora, a lua que não tardaria ser nova, apontava no horizonte com a fraca claridade. O exercito, para orientar-se bem: atacar de frente, de flanco e pela retaguarda,—repete o Casca Grossa o recado e ordens a cumprir á risca.

E a voz de trovão forte, de commando, fôi cortada por uma tiro certeiro e um fuzilaria cerrada rebentou do chão: frente, fundo e retaguarda! O exercito Pedrosa mettido num verdadeiro saccó, cuja bocca Luizão fechava com um mortifero fogo de suas trincheiras agrestes—os buracos dos tatús—canastras encimados pelos cupins phantasmas no lusco-fusco da manhã. E o pau rolava no meio da confusão estabelecida. Ao romper da aurora, naquelle campo juncado de cadaveres não se encontravam mais vivos os generaes Pedrosas e o generalissimo Casca.

De tantos, bravos nem um para dar noticia. Cruel massacre, desastrada derrota! Duas horas apenas! Terminado o combate e recolhidos os destreços, proseguio o Luizão.

XXII

E por bellas terras feracissimas, lá se ia o Sabino ao deixar o sitio do Pacifico e batendo a poeira da estrada. O sol tornara-se ardente no calor senegalesco, arrancando fagulhas do areial dos geraes.

A mula possante, afundando até ás artelhas devagar avançava ás guinadas, a troco de esporas. Sabino desesperava por chegar a todo o custo e puchava. Assim andava maior parte do dia. Era longe, mas o animal de primeira.

Cahia a tarde, quando chegara oa termo final de sua viagem.

Aguçando bem seus planos, avançara firme, contando pela certa com o triumpho. Por volta das duas horas estava á janella o Pedrosa, muito contrariado, olhando inconscientemente para o horizonte, quando viu estampar do matto um cavalleiro. A principio não destinguia-o bem na distancia; depois com certo presentimento, exclamou:

Será elle ?... Ah!... se é! Elle mesmo! Já o diabo lá vem!, não sei fazer o que ? Certamente atraz de dinheiro. Tomára eu rehaver o que tenho emprestado. Não aguento, não aguento! Inferno! Queira Deus! queira Deus, a collectorial... Venha, pódo vir, ladrão semvergonha! e de umavez só; não lhe engano. E Pedrosa descera as escadas para prevenir, emquanto elle se approximava. O sobrado—uma fortaleza. A jagunceira restante, de trabuco nas mãos, conversava. Com a presença do patrão, fez-se silencio.

=Um amigo que acaba de chegar.

Apeiava-se o Sabino, atirando as redeas a um escravo.

O Pedrosa olhava com ansiedade. Com a liberdade do costume estendera a mão:

Caro Pedrosa! poderoso senhor do Rio Pardo, como vai est'alma?

Pedrosa ia estendera mão, lembrou-se da peste e encolheu-a.

—Sim Sabino! Que e isto lá? Vem você da Villa? Ein? Não traz por ventura a peste?

—Qual peste? Estás ainda assombrado? (peste ein? murmurou elle; peste, maroto)!... quem faz caso de peste? Só o terror do matto é que a torna maior e mais contagiosa.

—E'! mas dizem... que os urubús...

—Que urubús, senhor meu! Deixe de patacoadas e urubús.

—Então não é certo que...

—Pedrosa, portuguez de nobre linhagem, ter medo de variola, todo apetrechado de espingardas e dedos no gatilho... qara atirar na peste!?... ah! ah! ah!...

—Tudo ignoras. Não gracejes que a cousa aqui anda muito séria e mais séria do que tu pensas.

—Ora, deixe lá estas patifarias, um João Sabino... João Ninguem, que não possue uma correia para uma taca. Queres brigar com Deus?

—E'! mas elle disse: livra-te dos arcs... Entremos! E os dois subiram as escadas pulando até o salão superior.

—Porque nada me dizes, eu estava seriamente desapontado; desculpe-me perguntar: que negocio é este de tanta gente em armas? Que ha contigo? Questiunculas de visiuho da roça, não?

—Tens razão, Sabino! Tardava; eu esperava já pela pergunta. Estou muitas vezes desgraçado e para sempre. Por minha honra a salvar e da minha familia, liquidei o misoravel Pedro Lára, pegado em flagrante a rondar minha casa pela meia noite.

—Não me digas isto. Estás doido?

—Digo-te a verdade. Sabino cahiu das nuvens.

—E tua filha?

—Não sei mais o que seja isto. Liquidada tambem! Na familia Pedrosa nunca penetrou a deshonra.

—Mas será possivel o que ouço, meu Deus? Que é isto Pedrosa? (Ai! que estou com toda a fortuna do maroto no bolso! Caminho andado...) E intencionalmente commovido, abraçou o Pedrosa: Sou teu amigo! Amigo na ventura, dedicado na desgraça! E os dois se abraçaram num tremulo de desespero, outro de meia consternação e gozo, por algus instantes. Só então, notára o Sabino que Pedrosa não tinha caracteristicas humanas pelas contingencias de

um tigre acoado. Pedrosa muito exaltado e agora muito rancoroso, tudo expuzera ao Sabino, de principio a fim. Este, desapontado pelos acontecimentos despejara todo o arsenal de suas velhacarias para tirar proveito de toda aquella desgraça e queimara o ultimo cartucho, desfechando o tiro seguro de... misericordia:

— Sabes de uma cousa? Tudo isto è muito grave, é muito doloroso, não ha duvida; porém, ainda apparecem cousas peiores na nossa vida, e... estamos perdidos, meu amigo! Eu, por um alcance immaginario de quasi quarenta contos condemnado a sequestro e prisão; tu, denunciado pelas justiças da capitania de Goyaz como ladrão da grande fortuna de teu irmão Felix Mariz, o desfarce de teu nome de Pedro Mariz por Manoel Pedrosa, todos os crimes e mortes de São Romão e ultimamente a fortuna do finado Juiz ordinario; por tudo isto peza-te ameaça tambem de sequestro, prisão e desterro para Moçambique! disse, apresentando a copia do officio do governador.

Nesse instante uma descarga cerrada crivara de balas janellas e paredes interiores do edificio, cortando a conversa.

—Perdidos, meu Sabino, exclamou Pedrosa. Agora sim, é que verdadeiramente perdidos... e para as profundas dos infernos!

—Inda não! Coragem, homem de Deus!

—Cercados!

A fuzilaria recrudece. Cae Sabino morto. Um alarido infernal! A capangada resiste entrincheirada, illudindo a si mesmo e ignorando ainda a derrota dos seus na aldeia dos Canastras, de nada esperando a represalia, anima os seus, mas o ataque era terrivel e o cerco cada vez mais apertado. Ao cahir da noite um fugitivo ahi penetra com difficuldade e expõe a Pedrosa toda a dérrota e exterminio do exercito e a morte de seus filhos.

Nada mais restava. Um clarão começava a illuminar os mattos. Atearam fogo e o sobrado ardia.

—Pois bem! já que assim o querem venderei caro a minha vida, bradou furiosamente o Pedrosa, cego de ira e do fumo suffocante em toda a casa. O fogo arrojado bradára por uma hora. Os sitiados enfraqueciam.

—Camaradas, não esmoreçam! Fogo! fogo!

Exgotadas as munições! Ao assalto! Um horrivel estrondo de um barril de polvora, leva pelos ares quasi toda a frente do edificio. Morrem muitos combatentes... As chammas crepitam com violencia pelo casarão. Rende-se a fortaleza. Pedrosa, desvairado, tenta a-

atravessar as linhas de fogo. E' preso. Sendo reconhecido, sangram-no desapiedosamente. Morre o desgraçado, pedindo misericordia que não poude alcançar do general em chefe—o Luizão, que o assistia:

—Resgata os teus crimes, miseravel! Reconheça que não é assim que se desfeitia uma familia honesta, nem se assassina imprudentemente um homem de bem. Terminem. Sangrem este diabo!

Quando raiava a aurora, os complicados de São Romão, todos desapparecidos da face da terra, estavam longe!...

E Francina? Luizão já estava á par de seu segredo.

Graciliana, a escrava confidente de Francina naquella terrivel noite de Pedro Lára, amanhecera foragida na fazenda! Por ella então se soubera que seu senhor, depois de dar sepultura ao desventurado Lára, cercado de seus filhos e capangas, mandara cavar dentro do sobrado uma sepultura, tambem por um escravo seu de confiança, o mesmo que ajudára enterrar o seu thesouro, vasando depois os olhos.

Feito o que, sem a minima compaixão nem delle, dos filhos ou dos malvados assistentes, á força levara Francina à beira da sepultura escancarada e abrira elle mesmo as suas veias, correndo o sangue da victima até a ultima gotta. E como estava vestida, assim foi atirada á cova. Morreu injustamente, innocentemente. Não houve rogos, nem protestos da filha.